

(39)

LOSE PAPEL

ANO VIII - Nº 39 - 1992 - ISSN 010 2-5279

RECICLAGEM



QUAL O FUTURO ?

SIEMENS

Nosso papel é oferecer tecnologia. E parceria.

A Siemens contribui, há mais de cinquenta anos, para o desenvolvimento nacional da indústria de celulose e papel, onde a modernização é constante e a busca pela produtividade e qualidade é cada vez maior.

Um exemplo é a Bahia Sul, que acaba de conquistar duas importantes vitórias: a conclusão de sua primeira fase e o start-up em tempo recorde da máquina de celulose. A ela, os nossos parabéns!

A presença da Siemens neste megaprojeto compreende, entre outros:

- Acionamentos Microprocessados em Corrente Contínua para:
 - Máquina de Celulose BSC-1 (desaguamento, secagem e corte)
 - Máquina de Papel BS-1
 - Máquinas de acabamento (rebobinadeira principal, rebobinadeira auxiliar e embaladora de bobinas)
- Inversores de frequência microprocessados de 4ª geração, para toda a fábrica.
- Sistema de retificação eletrolítica para a Planta Química
- Três turbogeradores de 1x21 MVA e 2x47 MVA para termoelétrica

Um fornecimento que proporcionou total acompanhamento ao cliente, desde a aquisição e start-up até a manutenção e service.

E com a parceria de quem possui tecnologia moderna e a mais completa lista de referências em instalações fornecidas para a área de papel e celulose.

Consulte-nos.

Siemens SA

Papel e Celulose

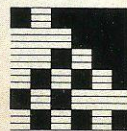
Tel.: (011) 836-2836

Fax: (011) 836-2565

Termoelétrica

Tel.: (011) 836-2441

Fax: (011) 836-2851



Know-how em
Integração de Sistemas
Siemens

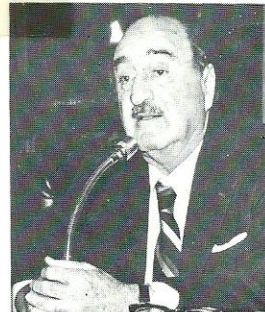
OS HORIZONTES DA CAPACITAÇÃO



PUBLIC.: P-002088

CELULOSE & PAPEL B(39) SET./OUT. 1992

Nossa indústria, com toda a sua complexidade florestal e industrial, seus múltiplos recursos humanos, seus produtos e mercados diferentes, logrou com sucesso chegar aos dias atuais com estruturas modernas e capazes de competir em custos e qualidade no País e no exterior. Esta situação, confortável em relação à daqueles setores desacostumados à livre concorrência, foi possível devido ao trabalho árduo seguido dos grandes investimentos realizados a partir da década de 70, na sua maioria dentro de altas escalas de produção para atender o modelo de crescimento “mercado interno e exportação”. Mas, apesar do alto nível conquistado, nossa indústria enfrenta hoje o desafio de novos e dinâmicos cenários, impostos pela internacionalização dos países, com todas as suas implicações nas estruturas industriais e de serviços das empresas.



O fantástico fenômeno da globalização determina a necessidade da indústria voltar-se para modelos de crescimento baseados na “Excelência Empresarial”, cujo principal ingrediente é a “Qualidade Total”.

Hoje, o ambiente brasileiro para a nossa indústria vem se caracterizando pelos custos crescentes dos investimentos, à taxação desproporcionada, à ausência de um comportamento tributário que contemplo investimentos de longo prazo de maturação, e a tantas outras mazelas, que reduzem a competitividade de custos e qualidade que nos possibilitou chegar até aqui. E essas dificuldades aumentam na medida em que se constatam os estímulos concedidos aos nossos concorrentes do exterior, já que seus países procuram compensar custos maiores com proteções específicas ou incentivos que aqui inexistem.

Esses fatos de *persi* exigem de nós gerenciar uma situação em que as vantagens comparativas que proporcionaram a nossa existência competitiva foram profundamente alteradas. Trata-se de um quadro não vivido antes, onde as organizações precisam refletir e se capacitarem de forma madura e consciente para sobreviverem e se desenvolverem com sucesso.

É neste contexto que lembramos o papel do SSQP-Subcomitê Setorial de Qualidade e Produtividade do Setor Industrial de Papel e Celulose, que vem atuando no sentido de estimular um comportamento empresarial mais consciente às realidades mencionadas, difundindo a crença de que qualidade e produtividade são fundamentais para garantir o bom desempenho da indústria e que tal tarefa deve ser desenvolvida num horizonte de longo prazo, sem a miopia do imediatismo.

É importante que todas as empresas se juntem neste esforço setorial e colaborem para o desenvolvimento e implantação de técnicas e métodos de trabalho que nos conduzam à “Qualidade Total” e à “Excelência Empresarial”. Apesar das dificuldades impostas pelos tempos atuais, não podemos perder de vista a questão permanente da competitividade. Precisamos caminhar juntos, com total apoio de nossas associações de classe, buscando as condições necessárias que permitam o nosso crescimento nos anos pela frente.

* Horácio Cherkassky é presidente da ANFPC - Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose

A revista **Celulose & Papel** é órgão oficial da ANFPC - Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose
Rua Afonso de Freitas, 499
CEP 04006 - São Paulo - SP
Fone: 885-1845

Diretor Responsável
H. Horácio Cherkassky

Conselho Editorial
Alberto Fabiano Pires
Aldo Sani
Jamil Aun

Leonomir Trombini
Marcello L. Pilar
Osmar Zogbi
Ronaldo A. Guedes Pereira
Ruy Haidar

Conselho Consultivo
GT 2 Divulgação

Coordenação Geral
Sandra Pegorelli



NÃO CONTAMINE
USE PAPEL

Celulose & Papel é produzida e editada pela Unipress Editorial ISSN 0102-5279



UNIPRESS EDITORIAL

Directoria

Alaôr José Gomes
Reginaldo Finotti

Director de Redação
Reginaldo Finotti

Editora

Eliana Haberli

Redação

Ana Lúcia Ventorim
Silvia Pimentel

Colaboradores

Gláucia Verônica Munis
Raul Fagundes Neto

José Américo de Lima (diagramação)
Bira Câmara (ilustração)

Daniel Garcia, Paulo Bulário e
Pool Set (fotos)

Publicidade

José Cruz Filho

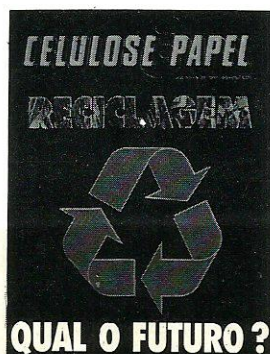
Relações Públicas

Lina Carla Finotti

Redação, Administração e Publicidade:
Av. Paulista, 2006 - 11º andar - Conj. 1003 a 1009 - Fones: (011) 251-0366 e 285-6233 - Telex (11) 32183 - Fax (011) 2854-3785 - CEP 01310 - São Paulo - SP

Editoreção Eletrônica e Impressão: Ipsis Gráfica e Editora S. A.

Fotolitos: Oka



RECICLAGEM

O Brasil consolidou uma tradição recicladora na indústria de papel, que permite a reutilização de diversos tipos de papéis descartados, ou inutilizados, na fabricação de produtos para embalagem. Especialistas analisam a posição dessa atividade econômica dentro de um setor que tem a inegável vocação para produzir celulose virgem.

12

INPACEL

O País ganha mais uma moderna indústria integrada de papel, num investimento de US\$ 600 milhões, o maior investimento industrial já feito pelo grupo Bamerindus. O então senador, e agora ministro José Eduardo Vieira acentua o futuro promissor do investimento do grupo do qual é o acionista principal.

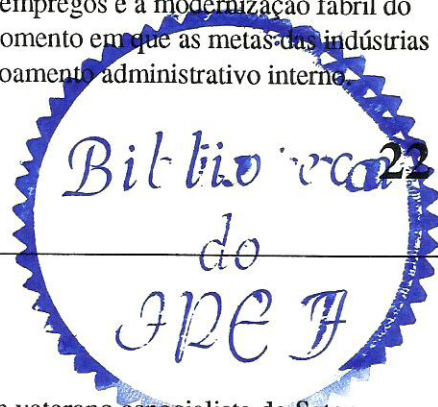
18

PLANO ESTRATÉGICO

O Plano Estratégico do Setor foi criado em 1985, estabelecendo as metas e necessidades para o desenvolvimento de uma área industrial imprescindível às características exportadoras, a demanda de empregos e a modernização fabril do País. Agora ele está sendo revisado, num momento em que as metas das indústrias se voltam para dentro, na busca do aperfeiçoamento administrativo interno.

ENTREVISTA

O consultor Valentim Suchek tornou-se um veterano especialista do Setor, ocupando hoje a vice-presidência de um dos escritórios de engenharias mais ligados ao desenvolvimento de plantas de papel e celulose em todo mundo. Ele fala aqui da imagem do setor como concorrente dos países produtores europeus, e dos desafios que enfrentará no futuro próximo.



24



A garantia não compensa.

Nós temos clientes que são gigantes. Como a Aracruz, a Mannesman, a Volkswagen, a Bayer, que utilizam nossos revestimentos anticorrosivos e pisos industriais em fábricas onde a produção se conta em milhões de dólares por dia. Para clientes assim, a única garantia que conta é a de um revestimento especificado e realizado para não dar defeito.

É assim que trabalhamos. Somos tão rígidos quanto os nossos colegas da matriz na Alemanha. E utilizamos a mesma tecnologia: a mais avançada do mundo.

Indústrias que não podem se dar ao luxo de usar a garantia utilizam revestimentos anticorrosivos e pisos industriais Ancobras. Nós garantimos que eles não se arrependem.


ANCOBRAS

Nossa garantia é tecnologia.

Consulte o Serviço de Atendimento ao Cliente Ancobras 9(011) 912-8628 • Grupo Keramchemie-Gail.

A REVISÃO DO PANORAMA E DOS RUMOS

O que mudou de 1985 para cá, para um setor que investe a longo prazo? A revisão do Plano Estratégico realinha as metas para as novas realidades no panorama nacional e internacional.

Um panorama fortemente competitivo, dentro e fora do País, a diminuição do tamanho do Estado na decisão das regras econômicas, e a necessidade, sentida pelas empresas, da introdução de tecnologias e técnicas de gestão mais modernas, são os pontos básicos da revisão do Plano Estratégico do Setor de Papel e Celulose. O documento original foi criado para o período 1985-1995, e deu origem, dentro do governo, ao II Programa Nacional de Papel e Celulose, de agosto de 87. O Plano revisado se estenderá até o ano de 96, e está sendo reelaborado por grupos de trabalho da Associação, que o apresentará à aprovação do Conselho Deliberativo no próximo dia 1º de dezembro. “Nesse documento, a associação vai identificar os fatos que determinam a ação de cada empresa, os fatos que necessitam de tratamento supersetorial, o que é, aliás, o papel e a razão da existência da Associação”, diz Ruy Haidar, presidente do novo Conselho Deliberativo da Associação. “O Plano define a política florestal, a política energética, a política de alocação de recursos para investimentos no setor, as relações com o Mercosul, e as reivindicações e atuações do setor junto aos órgãos competentes, para que ele continue moderno e competitivo. É o caso da reforma dos portos, por exemplo. Evidentemente, trata-se de questão primordial no custo do papel e da celulose brasileiros de exportação, e evidentemente é um tema de atuação da associação”, enfatiza.

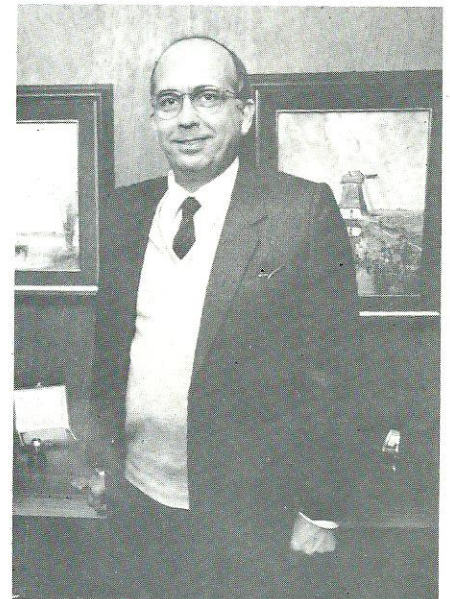
Mais ação menos governo

Coordenador dos grupos que trabalham na revisão do Plano, o vice-



Ruy Haidar

presidente de Assuntos Econômicos, Mauro Marques, justifica a necessidade da revisão com as mudanças ocorridas no panorama político-econômico brasileiro. Com o Poder Executivo mais fraco, o Poder Legislativo mais forte, e mais liberdade de mercado, era necessário mudar o ponteiro da bússola no documento básico de atuação conjunta do setor. “Antes era o setor diante do governo. Agora é o setor diante de si mesmo” traduz. “O plano anterior era um documento de reivindicações, já que tudo dependia da ação do governo. O advento das eleições diretas, a nova Constituição, e o renascimento da liberdade econômica mudam o enfoque da situação. O plano passa a ser uma indicação de caminhos que devem ser desenvolvidos pelas próprias empresas”. Para Ruy Haidar, um plano estratégico dando lastro à ação política da entidade, é um benefício a todos os filiados. Ci-



Mauro Marques

tando o caso da Lei de Propriedades Industriais, lembrou que as empresas exportadoras do setor sofreram as consequências das represálias americanas contra a falta de proteção às patentes industriais no Brasil, uma vez que as importações de produtos brasileiros foram contidas naquele país. “A associação precisa mostrar ao Congresso as consequências de uma situação assim. O papel da Associação, portanto, é amplo.” Os responsáveis pelo Plano dizem ainda que o setor continuará empenhado na diminuição dos encargos sobre a mão-de-obra e dos impostos sobre exportações, que anulam em grande parte as vantagens comparativas brasileiras no setor.

Pontos fracos e pontos fortes

A estrutura metodológica do Plano Estratégico 92-96 parte da descrição dos cenários nacionais e internacio-

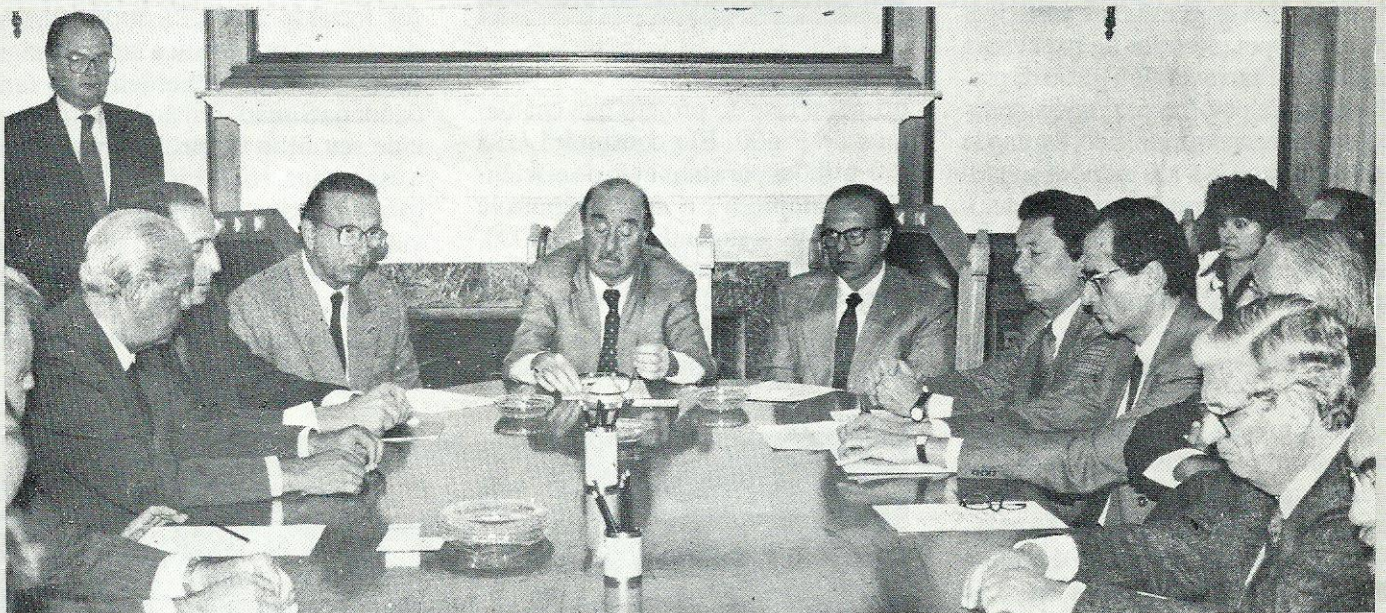
nais onde as empresas do setor atuam. Descreve os mercados, a tecnologia, a infra-estrutura, a relação com o meio ambiente, os recursos materiais, humanos e financeiros. Depois aborda temas de abrangência ampla (Qualidade, Produtividade e Gestão) e faz previsões para o futuro próximo. Definido o quadro, estabelece os objetivos do setor, otimizando os pontos positivos e apontando os pontos negativos. "Diretriz, na verdade, se consegue com a eliminação dos pontos fracos e a utilização dos pontos fortes" diz Mauro Marques fazendo um exercício de Lógica, que é como ele enxerga esse trabalho. A revisão das diretrizes estratégicas anteriores oito

O renascimento da liberdade econômica mudou o panorama nacional do setor, obrigando as empresas a se voltarem para aperfeiçoamentos internos. Mas o setor continua reivindicando do governo as condições de igualdade de concorrência.

anos depois do seu estabelecimento dá também ao coordenador uma visão melhor do que significou o plano 85-89. "Ele foi bem sucedido, por-

que levou à criação de um plano de governo, que o tomou por base - o II Programa Nacional de Papel e Celulose, de agosto de 87. Além do mais, o setor passou de empresas basicamente familiares e fechadas a sociedades abertas. As empresas reconheceram que não poderiam ficar limitadas à capacidade de investimento de uma família". O diretor lembra que a primeira empresa privada nacional que foi buscar capital fora do País, através de ADRs, pertence ao setor - a Aracruz. Apesar da abrangência do trabalho de revisão, Mauro Marques ressalta um ponto central que deve nortear a ação do empresariado: não dá mais para pedir subsídio ao "Papai Governo". Os tempos mudaram.

A NOVA ESTRUTURA



A nova diretoria da Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose tomou posse na sede da rua Afonso de Freitas, em São Paulo, mantendo o presidente Horacio Cherkassky na liderança. A composição da diretoria foi ampliada com a introdução dos vice-presidentes temáticos. Assim, além do primeiro vice-presidente Osmar Zogbi, a associação nacional passou a contar também com vice-

presidente de Papel para Imprensa (Jahir de Castro), de Papel de Imprimir e Escrever (Raul Calfat), de Cartões e Cartolina (Aureliano Ieno Costa), de Papéis Sanitários (Ruy Haidar), de Papéis Especiais (Adhemar F. Gouveia), de Celulose (Boris Tabacof), de Papéis Para Embalagens (Lenomir Trombini) e de Papéis Reciclados (Dante E. Ramenzoni). O Conselho Deliberativo, que apreciará a revisão do

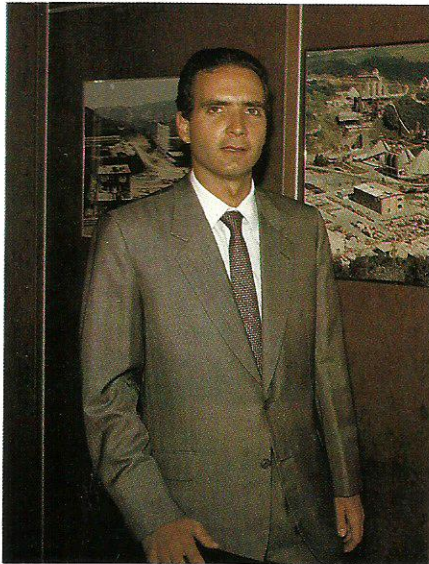
Plano Estratégico de que trata a matéria desta página, é presidido por Ruy Haidar, e se compõe ainda do vice-presidente José Carlos Pisani, de 14 conselheiros eleitos, representando as indústrias, e vinte conselheiros natos, membros da diretoria da associação nacional, dos demais órgãos representativos da categoria empresarial e dos presidentes das associações e sindicatos estaduais.

A VENDA DA SIMÃO MUDA O RANKING

A Celpav, do grupo Votorantim, comprou a Papel Simão em setembro e passou a deter uma fatia de mercado que está hoje em torno de 500 mil toneladas anuais de papel, comparável ao terceiro lugar no *ranking* das empresas brasileiras. O anúncio foi feito pelo diretor superintendente da Celpav, José Roberto Ermírio de Moraes, sobrinho do líder empresarial Antonio Ermírio de Moraes, e filho de José Ermírio de Moraes. “Esse negócio para nós foi uma grande oportunidade. Ganhamos mais eficiência global com duas indústrias”, classificou ele. Com efeito, o grupo Votorantim expande, com o controle de mais uma empresa, sua participação no disputado setor de papel para imprimir e escrever. Em início de produção, a Celpav fornece papéis cortados, off-set e apergaminhado, faturando por enquanto US\$ 100 milhões anuais. A Simão fabrica papéis para fax, autocopiativos, de segurança e atua também no segmento de papel moeda. Fatura anualmente US\$ 230 milhões.

Sinergia e reforços

As empresas permanecerão independentes, com suas razões sociais e marcas próprias. “Mas ganhamos sinergia” anuncia Ermírio de Moraes. “O processo de fabricação é o mesmo, as matérias-primas são as mesmas”. A soma das duas empresas, além da produção conjunta de papel mencionada, e da celulose produzida para uso próprio, ainda proporcionará um excedente de celulose, para venda a terceiros, de 400 mil toneladas anuais. Com o respaldo do grupo Votorantim, a Simão obtém garantia de continuidade para seu programa de investimentos na modernização industrial, aumento de capacidade e melhoria de controle ambiental, que já estavam em pauta. “Até o final de 93 estará concluída a



José Roberto Ermírio de Moraes

primeira fase do projeto que chamamos de P 600. Ele consumirá US\$ 150 milhões para aumento de eficiência da empresa, e melhor controle ambiental. A segunda fase, o P 1000, é um projeto de aumento de capacidade, e está prevista para os anos de 94 e 95, ao custo de US\$ 250 milhões. Claro que todos esses prazos podem

ser alterados por fatores externos, como as instabilidades econômicas do País” informa o empresário. “Mas o programa é irreversível”.

Um ano de conversa

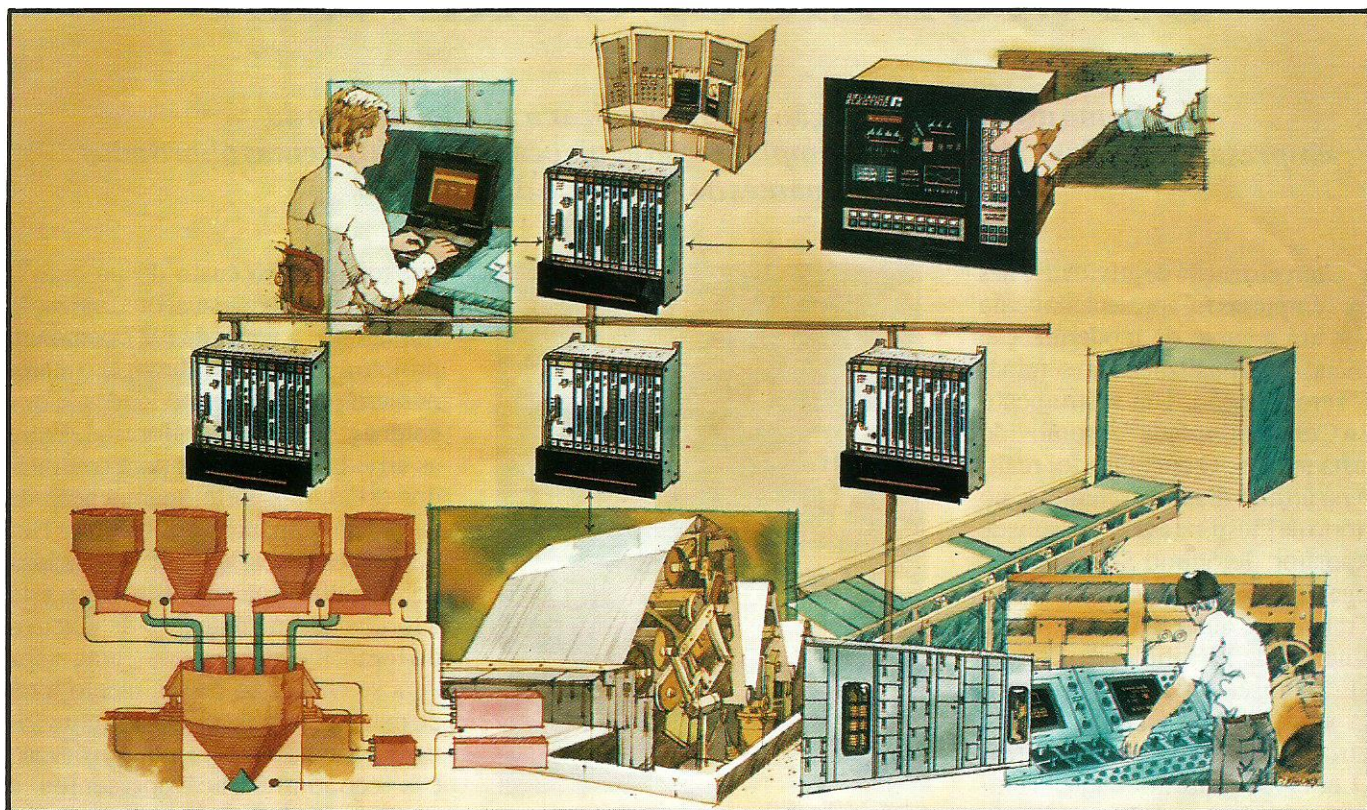
A compra da Papel Simão foi decidida depois de um ano de lentas negociações, conta José Roberto E. de Moraes. “No início as conversas não tinham muita pretensão, eram apenas contatos isolados com alguns acionistas. Falamos em associação, falamos em compra de parte do controle acionário, e chegamos afinal à compra do controle total”. O negócio foi fechado por US\$ 190 milhões, depois que se chegou a um estratégico acordo entre as herdeiras do fundador da Simão, Simão Karam Racy, e de seu filho Omar. Para se chegar a essa etapa, foi decisiva a participação do presidente Raul Calfat, executivo “prata da casa”, que galgou todos os degraus hierárquicos dentro da empresa, de estagiário à Presidência. Presidente e diretores se mantêm à testa da companhia.



A unidade de Salto, integrante do grupo Simão

DCS RELIANCE

SISTEMA DE CONTROLE DISTRIBUÍDO

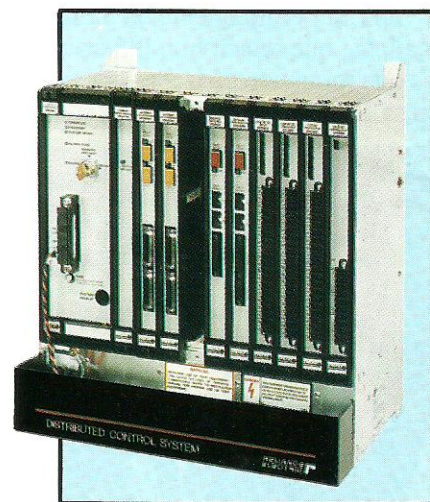


A MAIS AVANÇADA TECNOLOGIA APLICADA EM ACIONAMENTOS E PROCESSOS.

O sistema de controle distribuído - **DCS RELIANCE** - reúne em um só produto as funções de acionamento digital para motores C.A. e C.C., controlador lógico programável e controlador de processos.

Características:

- Multitarefa/Multiprocessamento.
- Programação integrada de alto nível.
- Abordagem estruturada do projeto.
- Comunicabilidade: controle distribuído em rede, módulos de interface e portas seriais.
- Arquitetura de sistema aberto permite a expansão e a integração com sistemas de outros fabricantes.
- Monitoração através de telas gráficas.
- Possibilita a máxima flexibilidade para partida do sistema e modificações futuras.
- Geração de relatórios de operação e produção.
- Facilidade para o usuário na supervisão e manutenção de todo o sistema, de cada acionamento ou processo separadamente.



RELIANCE ELÉTRICA LTDA.

Rua Ada Negri, 469 - Sto. Amaro - CEP 04755-000 - São Paulo, SP
Tel.: (011) 548-9211 - Fax: (011) 246-2093

RELIANCE 

TECNOLOGIA MUNDIAL EM ACIONAMENTOS E CONTROLES

A NOVA ARMA DA MODERNA GERÊNCIA

Como usar a terceirização para dinamizar a administração da empresa, evitando os riscos de uma implantação equivocada, foram os temas abordados pelos participantes do seminário da C&P.

A terceirização de atividades nas empresas foi apresentada como um recurso de modernização gerencial e racionalização no seminário "Terceirização, Um Instrumento Para a Competitividade", promovido por esta revista. O encontro foi realizado no último dia 1º de setembro, no auditório da Fiesp, na avenida Paulista. O expositor, Jerônimo Souto Leiria, advogado especializado em Direito do Trabalho e autor do livro "Uma Alternativa de Flexibilidade Empresarial", apresentou sua visão do assunto a partir do caso da Riocell, que terceirizou boa parte de suas atividades. Leiria foi consultor daquela empresa para esse projeto. "A terceirização não é travestir empregados de empresários" disparou ele. "É uma mudança radical, baseada no resgate do verdadeiro conceito de parceria." "Na Riocell, gostaríamos de terceirizar até a diretoria" completou com bom humor Aldo Sani, superintendente da indústria gaúcha, que relacionou 195 atividades que foram terceirizadas em sua empresa. Expositor e debatedores con-



Encontro na Fiesp

cordaram que a terceirização dentro das indústrias, como as de papel e celulose, pode ser um recurso válido no caminho da agilização, modernização e redução de custos, se houver primeiramente uma proposta bem definida dos objetivos da empresa. O responsável pela abertura dos trabalhos, Laerte Setúbal, ponderou que o recurso da terceirização está ainda em fase de experimentação. "Precisamos investigar mais os resultados". A terceirização apressada ou mal preparada pode também causar problemas às empresas, principalmente se impasses entre terceiros e contratantes forem parar na Justiça do Trabalho, apontaram os palestrantes.

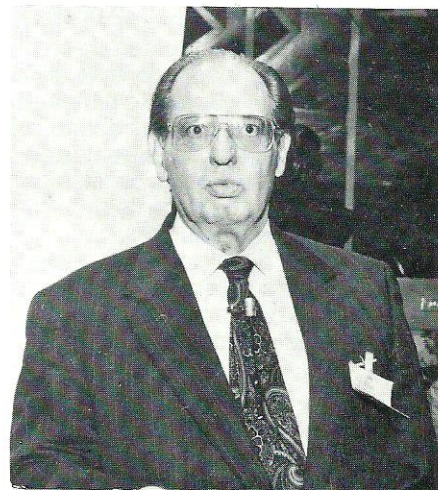
Menos preocupações, mais lucro

Aldo Sani, superintendente da Riocell, indústria que produz 300 mil toneladas anuais de celulose em Guaíba, Rio Grande do Sul, impressionou os que o ouviam com argumentos numéricos. "Estamos economizando US\$ 100

por tonelada no custo do produto". Ele descreveu o programa de terceirização implantado a partir de 1987 como um projeto que pretende abranger o maior número possível de atividades, e que entra agora pelo setor florestal. Entre as atividades passadas para contratados estão transporte, manutenção de variados equipamentos, Recursos Humanos, Relações Públicas, Informática e Silvicultura. Neste último caso está a formação e manutenção de viveiros e o fornecimento de mudas, uma etapa para se chegar ao fornecimento total de madeira por terceiros. O empresário descreveu também a simplificação e a economia que representou a contratação de terceiros para a realização de serviços variados como troca de lâmpadas, cópias xerográficas, lavagem de veículos e combate a incêndios. "Durante muito tempo queríamos reduzir o custo de quilômetro rodado no transporte da madeira, sem sucesso. Isso foi obtido agora, depois que vendemos nossos caminhões a terceiros que passaram a nos prestar esses serviços."



Jerônimo do Souto Leiria



Aldo Sani

Administração simplificada

O sucesso da implantação desse projeto de terceirização na Riocell se baseou, segundo Sani, num conceito de crescimento mútuo de contratantes e contratados. "Nunca buscamos reduzir a folha de pagamentos com a terceirização dos serviços. Mantivemos sempre o valor da folha, e nos empenhamos em programas de desenvolvimento profissional e técnico para os contratados." O empresário explicou também que as iniciativas de terceirização da Riocell se inseriram dentro de um projeto maior de simplificação administrativa que reduziu os níveis hierárquicos da empresa a apenas três. Ele relaciona essas mudanças internas na empresa a um bem sucedido trabalho de diminuição de efluentes nocivos ao meio ambiente, uma vez que os resíduos são aproveitados em processos de reciclagem confiados a terceiros. "A Riocell tem resíduo sólido igual a zero" garantiu ele. A empresa mantém hoje 1,1 mil funcionários próprios, contra os 3,8 mil que tinha antes das mudanças. Para terceiros que lhe fornecem serviços, trabalham 1,7 mil pessoas.

A busca da ética

Para Walmiro Cardim Filho, da Gessy Lever, uma das principais dificulda-

des dos projetos de terceirização é a falta de idoneidade de pequenas empresas e prestadores de serviços. "É muito difícil conviver num país de moral frágil. Na Gessy Lever, passamos a observar primeiramente a idoneidade das empresas, no caso de terceirização de serviços". Mesmo com essa cautela, entretanto, o executivo revelou que a empresa estuda a terceirização da industrialização de alguns produtos. O consultor Dernizo Pagnoncelli lembrou os empreendimentos de criação de aves integrados, muito comuns no Sul, para mostrar onde está a base da redução de custos proporcionada pela terceirização. Naqueles empreendimentos, tocados por pequenos criadores que vendem frangos para os frigoríficos, o custo por quilo de carne é inferior ao que as criações verticalizadas alcançam, por mais organizadas que sejam. "O índice de produtividade das criações integradas é parecido com os melhores do mundo. Isso em função da dedicação do criador, que é dono do próprio negócio. Foi esse sucesso que viabilizou para o Brasil a exportação de frangos". Para ele, a única área empresarial que não é passível de terceirização é o Planejamento Estratégico. Ele acentuou que o perfil da empresa competitiva na década de 90, segundo os modernos padrões

internacionais, pede a focalização na principal vocação, e a flexibilidade de delegar e contratar que fazem parte do conceito de terceirização. O avanço das tarefas terceirizadas, apontaram durante o seminário, tanto o expositor como os demais participantes, levará ao estágio da quarteirização, as empresas ou departamentos que administrarão as áreas terceirizadas.

Problemas na justiça

Os conflitos entre contratados e contratantes podem levar a disputas na Justiça do Trabalho, onde o contratado demandará os direitos do vínculo empregatício. "Num litígio trabalhista, a tese que o contratante deve apresentar é que a prestação de serviços é uma atividade legal, e defendida pela Constituição" aconselha Jerônimo de Souto Leiria. Ele adverte, entretanto, que quando a situação chega nesse ponto fica evidente que a terceirização não foi feita da melhor maneira. "O maior inimigo da terceirização não é o Judiciário, é o mau empresário. A terceirização não funciona se a relação do prestador de serviços é de dependência em relação ao contratante. Essa subordinação está errada, a relação deve ser entre iguais. Aliás, a relação de dependência não é adequada ao mundo dos negócios."

SEMINÁRIO

CELULOSE & PAPEL

TERCEIRIZAÇÃO, UM INSTRUMENTO PARA A COMPETITIVIDADE

PARTICIPANTES

Laerte Setúbal Filho, presidente do IDORT, Instituto de Organização e Racionalização do Trabalho - **abertura**

Jerônimo Souto Leiria, diretor da CLT, Consultoria em Legislação Trabalhista - **expositor**

Aldo Sani, diretor superintendente da Riocell - **palestrante**

Mauro Gonçalves Marques, vice-presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose, e diretor financeiro da Ripasa - **moderador**

Dernizo Pagnoncelli, consultor de planejamento estratégico - **debatedor**

Walmiro Henrique Cardim Filho, gerente corporativo de Relações do Trabalho das Indústrias Gessy Lever - **debatedor**

CONCEITO

TERCEIRIZAR É CONTRATAR SERVIÇOS FIXOS ESPECIALIZADOS CONSTANTEMENTE DE UM MESMO FORNECEDOR, PRATICANDO COM ELE CONCEITO DE PARCERIA E RELAÇÃO DE IGUALDADE, ONDE OS OBJETIVOS SÃO OS GANHOS DE AMBOS.

VANTAGENS

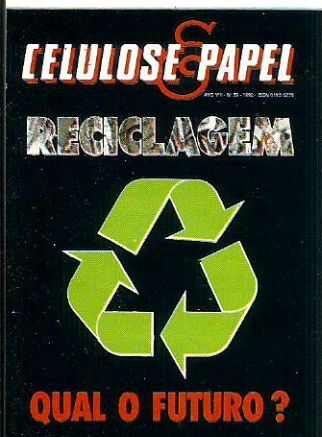
- * Diminuição do desperdício
- * Aumento da qualidade
- * Melhoria do perfil da administração
- * Diminuição da corrupção interna e externa
- * Maior integração empresa-comunidade
- * Liberação da criatividade

DIFICULDADES

- * Problemas trabalhistas em caso de implantação mal planejada
- * Eventuais problemas de relacionamento com sindicatos de empregados

RECICLAGEM DE PAPÉIS, O DESEJO E A REALIDADE

As possibilidades e as limitações do reaproveitamento de papéis como matéria-prima da indústria são discutidas por especialistas do setor.



O Brasil desenvolveu uma tradição recicladora na produção de papel (principalmente cartão e papelão), que se harmoniza com a moderna consciência social de não desperdiçar material, baratear custos e reaproveitar o aproveitável. Essa atividade recicladora é hoje reconhecida e elogiada dentro e fora do setor. “Há vinte anos eu era considerado um lixeiro” lembra o empresário Dante Ramenzoni, vice-presidente de Papel Reciclado da ANFPC e diretor-proprietário da Papirus, empresa que utiliza aparas na fabricação de seus produtos. “Hoje o prestígio de empresas como a minha subiu muito”.

Além do aumento de prestígio, começou a surgir também para as empresas do setor a perspectiva de aumento do índice de aproveitamento de materiais recicláveis, vindos da ampliação das iniciativas de coleta seletiva de lixo, por parte de grande número de prefeituras municipais. Na visão objetiva do empresário, entretanto, esses benefícios não estão previstos para curto prazo. “As coletas seletivas de lixo ainda não trouxeram nenhum aumento de volume de aparas” atesta ele. “Para conseguirmos chegar, através da melhoria da coleta, a um avanço no aproveitamento de material reciclável, ainda vai demorar mais que uma geração”.

O lixo da recessão

A opinião do empresário se choca com as expectativas de um aproveitamento mais efetivo do material reciclável, que é a base do pensamento ecológico responsável pela

disseminação, em todo o País, das iniciativas das prefeituras municipais e outros organismos. “O despertar da consciência é louvável” argumenta ele, “mas, em termos efetivos, poderemos aspirar, no caso de papel, no máximo a uma melhora da qualidade do material. A quantidade, na verdade vem até diminuindo, uma vez que depende de inúmeros outros fatores, como o poder aquisitivo do consumidor”.

Explica-se: em matéria de papel, o grosso do material obtido nas coletas vem de embalagens, que envolvem produtos cuja venda no mercado interno caiu consideravelmente. “Se a indústria nacional está exportando boa parte de sua produção, como estratégia de sobrevivência, a coleta de material reciclável poderá ser feita fora, e não dentro do Brasil”, raciocina Ramenzoni. Os organizadores das coletas seletivas, além disso, ainda não estariam preparados para a separação fina dos inúmeros tipos de materiais passíveis de reciclagem. “Temos vinte tipos de aparas classificados aqui no Brasil, e precisamos ainda prosseguir nas classificações. Nos Estados Unidos, há quarenta tipos classificados.”

País grande, coleta cara

Ainda comparando com os números americanos, o empresário lembra que nos Estados Unidos são coletadas aproximadamente 18 milhões de toneladas anuais de papel reciclável, o que mantém o índice de reciclagem naquele país em 25%. “Eles não encontram viabilidade econômica para aumentar essa porcentagem, por uma razão



As coletas seletivas dependem de uma nova consciência do público

simples - o país é extenso. Nós aqui no Brasil temos 30% de aproveitamento, e essa porcentagem é razoável, porque aqui também temos uma grande extensão territorial. Só em países pequenos, como os europeus, é que se chega a 40%, 50% de aproveitamento". Ele cita ainda uma experiência da rede de lanchonetes Mc Donald's, nos Estados Unidos, que se empenhou num coleta seletiva de seu lixo "Eles só conseguiram fazer num Estado.(Massachussetts) e em algumas cidades, porque a coleta seletiva custa caro". As dificuldades para um melhor aproveitamento do lixo, e consequentemente um aumento quantitativo e qualitativo do papel e papelão recicláveis,

começam, segundo o empresário, na própria definição do que é reciclagem. "O povo não sabe o que quer dizer isso", lamenta ele. O passo seguinte é o que as Prefeituras estão tentando com as comunidades - jogar o lixo certo na lata certa, e isso é muito mais fácil de falar do que de fazer. "As pessoas misturam papel com plástico. Nós fizemos uma experiência aqui no próprio escritório da minha empresa e não conseguimos que os funcionários separassem os dois materiais

Desconhecimento do ciclo

Apesar de cético quanto a benefícios imediatos das coletas seletivas, Dante

Rubens Chaves



O Brasil recicla 30% do papel que produz



Dante Ramenzoni

Ramenzoni acha que a consolidação da produção de papel a partir de material reciclável pode levar o mercado de aparas a uma situação de preços mais equilibrada. “Esse é um mercado muito nervoso, porque é precário, e depende da mão-de-obra do catador de papel, um trabalhador informal, sem nenhum amparo. Os preços costumam sofrer altas e baixas repentinas. É possível que essa situação se equilibre um pouco mais.” Em princípio, entretanto, o empresário não vê o Brasil como um grande produtor de aparas. “Nós exportamos papel e fibra virgem para as aparas serem produzidas lá fora” acha ele. Como fator de complicação para a evolução do aproveitamento de material descartado, Ramenzoni aponta o desconhecimento dos ciclos de aproveitamento da matéria-prima. “O papel só pode ser reciclado até cinco vezes. E parece que muita gente esquece que para haver reciclagem, é necessário papel virgem”. Dentro do desconhecimento da viabilidade da reciclagem, aponta também o dos legisladores, que começam a criar obrigatoriedades legais de uso de papel reciclado sem estudos sérios a respeito. “Isso pode levar a distorções no mercado”.

Recicláveis e reciclados

Ramenzoni observa também que o possível aumento da produção de materiais

recicláveis, em consequência do aumento das coletas seletivas e da conscientização da população, deveria levar, pela lógica, ao aumento do uso de papel reciclado. “Mas isso ainda não ocorreu, e pelo contrário,

Para os especialistas, falta uma política definida de reciclagem a nível nacional, sem importação apressada de falsos conceitos ecológicos.

persistem muitos tabus a esse respeito. As empresas procuram usar embalagens “recicláveis”, mostrando sua colaboração com os problemas da comunidade. Mas ainda não se preocuparam em usar embalagens “recicladas”. Se o preconceito persiste em relação ao papel “reciclado”, está faltando um equacionamento mais global da questão, acha Ramenzoni. Concorda com ele o empresário Segismundo Celani, do Cartonifício Valinhos, e do grupo técnico correspondente ao assunto na ANFPC, que dirige uma empresa que utiliza 100% de material descartado como matéria-prima na fabricação de seus produtos. “Falta uma política mais definida para essa questão de reciclagem no Brasil” sustenta ele.

“Temos que precisar melhor o que é realmente papel reciclado. Não tem sentido, por exemplo, relacionar a maior utilização de fibras recicladas com a poupança de árvores na mata, como muitos ambientalistas defensores da reciclagem tem feito”. Em relação às iniciativas de coletas seletivas por parte das prefeituras, Celani acha que esse processo ainda “está engatinhando”. “Há uma tradição de recolhimento de aparas das gráficas, dos grandes escritórios, que proporciona um material de determinada qualidade. Os formulários contínuos descartados, por exemplo, são aparas de muito boa qualidade. No lixo doméstico, a separação entre o papel melhor, e o mais comprometido, é realmente muito mais difícil”. Celani acredita que tudo dependerá da participação do cidadão, e da intensidade de envolvimento que cada um terá com o problema geral da reciclagem, que é um problema de toda a sociedade.



A GRANDEZA DE UMA EMPRESA COMEÇA
QUANDO A QUALIDADE DOS SEUS PRODUTOS É
RESPEITADA EM TODAS AS PARTES DO MUNDO.

Com uma produção anual que já supera a casa de 1 milhão de toneladas, a Klabin situa-se hoje como a maior organização do setor na América Latina, estando classificada entre as 100 maiores empresas de celulose e papel do mundo. Suas atividades envolvem desde o reflorestamento até a fabricação de celulose de fibra curta e fibra longa, papéis para impressão e embalagens, papéis sanitários e a conversão de papéis em produtos higiênicos descartáveis, caixas de papelão ondulado, sacos multifoliados e envelopes. Os produtos Klabin são reconhecidos no país e no exterior por sua alta qualidade, resultado de contínuos programas de investimentos em pessoal, em novos equipamentos, pesquisas, desenvolvimento e pela preocupação constante em utilizar tecnologias avançadas não agressoras ao meio ambiente. Em suas atividades florestais, por exemplo, a Klabin mantém junto aos seus 195 mil hectares de reflorestamentos próprios, nos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, 102 mil hectares de florestas nativas preservadas, onde são realizados programas educacionais e de proteção da flora e da fauna. Essa, entre outras iniciativas da Klabin, demonstra que é possível desenvolver atividades produtivas em harmonia com a natureza. E esta postura é fundamental para a qualidade.



Indústrias **Klabin** de Papel e Celulose SA

INPACEL ENTRA NA DISPUTA

O setor industrial do papel ganhou mais uma moderna unidade integrada.

A Inpacel de Arapoti formará seu mercado dentro do nicho dos papéis especiais.

A Inpacel - Indústria de Papel Arapoti S.A, inaugurada em agosto último pelo grupo Bamerindus, começa a operar com a pretensão de ser a mais moderna fábrica de papel de escrever e imprimir da América Latina. O seu projeto tem características personalizadas e inovadoras: é o maior investimento feito por grupo privado no Paraná de uma só vez - US\$ 600 milhões e a empresa é a pioneira, no Brasil, a adotar o sistema quimotermomecânico (pasta de alto rendimento) para a obtenção de fibras, substituindo o processo químico tradicional. Localizada no município de Arapoti - a 250 quilômetros de Curitiba - a Inpacel iniciou a produção em maio, em caráter experimental, com 270 tonela-

das diárias de papel do tipo "improved newsprint", para compradores na Ásia, Estados Unidos e Europa. Desse total, a empresa já vendeu 19 mil toneladas e, para este ano, a diretoria comercial da empresa prevê um faturamento de US\$ 40 milhões. Quando a produção estiver em plena carga, em 1995, a fábrica passará a produzir 200 mil toneladas anuais, com faturamento previsto de US\$ 200 milhões. Cerca de 40% da produção será destinada ao mercado externo. A Inpacel será a pioneira na América Latina a produzir papéis dos tipos MWC e LWC, de qualidade superior, utilizados em revistas e publicações de luxo, área em que o Brasil importa quase tudo. Em outubro estão entrando em funcionamento duas novas máquinas para a produção desse tipo de

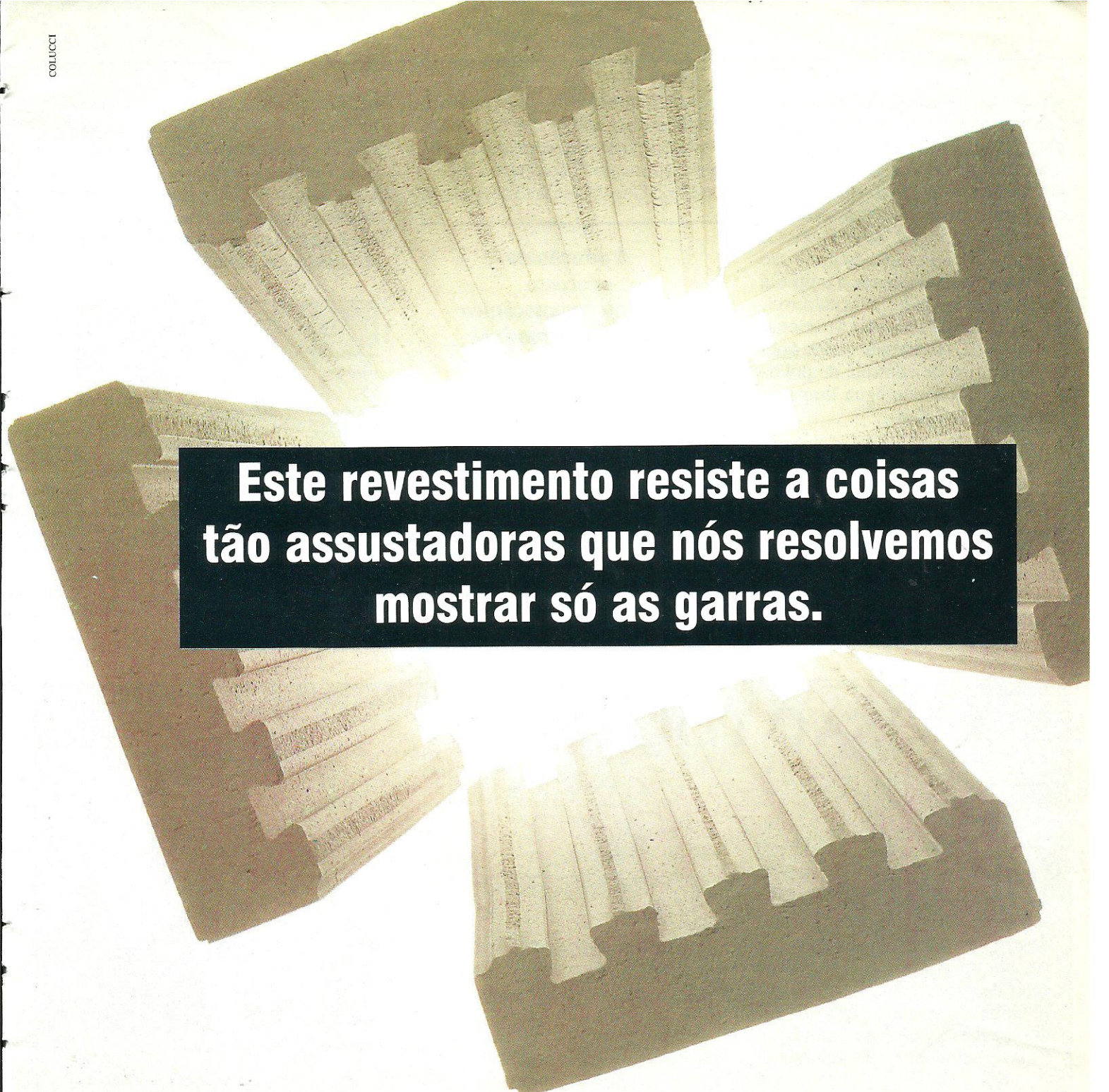
papel, uma coater (que reveste o papel) e uma super calandra (que dá brilho e alisa).

Processo limpo e econômico

Para a obtenção de alto rendimento são utilizados quatro refinadores, cada um acoplado a motores 18MW. Com tecnologia sueca, o refinador é um desagregador mecânico de fibras de madeira. Antes de passar pelo equipamento, a madeira em forma de cavacos é aquecida para ser homogenizada e facilitar a separação das fibras que alimentam a máquina de papel. A utilização do processo CTMP - Chemical Termomechanical Pulp, além de



Inpacel, o maior empreendimento privado do Paraná



**Este revestimento resiste a coisas
tão assustadoras que nós resolvemos
mostrar só as garras.**

A linha de cerâmica industrial Gressit foi desenvolvida para as condições mais severas de uso. A estrutura das garras de fixação e a alta resistência das placas suportam sem problemas o tráfego intenso e as agressões químicas, térmicas e mecânicas, trepidação de equipamentos, óleos, graxas, etc.

Por tudo isso, é um revestimento que raramente exige manutenção.

Nos diversos setores da indústria, quando as condições de uso exigem um revestimento altamente resistente e confiável, a melhor opção leva o nome Gail Industrial Gressit.

Gail Guarulhos Indústria e Comércio Ltda.
Rua Cavadas, 899 - CEP 07044-000 - Guarulhos
Tel.: (011) 968-8244 - Fax: (011) 208-3700
Show room - Al. Gabriel Monteiro da Silva, 1011
São Paulo - Tel.: (011) 883-1461

Gail[®]
Arquitetura em cerâmica

Para maiores informações sobre o produto, preencha o cupom e envie para a Gail.

Nome _____

Nome da empresa _____

Endereço _____

Telefone _____ Cargo _____

ser menos poluente, permite que o produto chegue ao mercado a um preço final 30% mais barato, pois a madeira é aproveitada em 90%. No processo convencional - produção da celulose antes da fabricação do papel - o rendimento cai para 50%. Os resíduos da preparação da pasta são reaproveitados, o que faz a empresa ostentar a categoria de "efluente zero". Ao lado da fábrica vão funcionar ainda estações de tratamento de água e laboratórios de controle de poluição, que devolverão água limpa ao ribeirão Barra Mansa.

Progresso regional

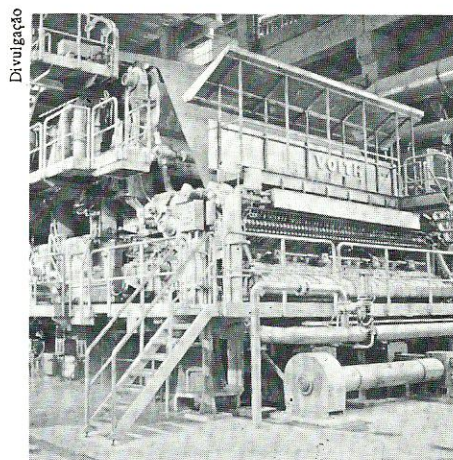
Na área social, a Inpacel tem a proposta de desenvolver um crescimento integrado com a região. A sua implantação em Arapoti resultou num aumento de 33% no número de moradias na cidade, além de toda infra-

estrutura no setor de transportes necessária para escoar o seu produto. Para abrigar seus funcionários, a empresa construiu 600 casas e a Escola de 1º e 2º Grau Maria José de Andrade

A adoção do processo quimotermomecânico foi feita por motivos econômicos e ambientais.

Vieira que, em convênio com a Fundação Educacional Positivo, atende 830 alunos - 430 filhos de funcionários e o restante de crianças residentes na região. Em sistema de multirão, foram contruídos ainda um ginásio de esportes e o Inpacenter, um hotel com auditório para 400 pessoas e áreas de lazer, que atende aos funci-

onários solteiros, fornecedores e convidados da fábrica. "Além de papel, estamos produzindo emprego, salários, impostos, enriquecendo a comunidade, o Paraná e o Brasil", ressaltou no dia da inauguração o senador José Eduardo de Andrade Vieira, presidente da holding Bamerindus,



Divulgação
Produção de papéis especiais

A VISÃO POLÍTICA

O então senador e agora Ministro da Indústria, Comércio e Turismo, José Eduardo de Andrade Vieira, líder empresarial do grupo Bamerindus, mostra que sempre apostou na viabilidade do setor de papel, como um dos mais promissores do Brasil, e que acompanhou passo a passo a implantação do seu mais novo empreendimento.

1. Como o senhor vê o retorno do empreendimento recém-inaugurado e Arapoti, a Inpacel? Rápido?

R. Sim. Nossa expectativa é de que o retorno venha a ocorrer nos primeiros seis a dez anos de atividade da indústria. Para um investimento desse porte, a concretização de nossa expectativa só pode ser considerada um retorno bastante ra-

zoável, em termos de velocidade de tempo. Principalmente na atual conjuntura.

2. Desde de quando o Bamerindus passou a acreditar na vocação celulósico-papeleira do Brasil?

R. Desde sempre. O Brasil dispõe de extensas áreas de terras férteis, mais impróprias para a agricultura, por causa da topografia do terreno. Essas áreas onduladas têm, evidentemente, dois tipos de uso potencial: a pecuária e o florestamento. No caso do florestamento, é preciso acrescentar o enorme potencial hidrelétrico do País como uma vantagem comparativa a mais para se adotar como opção de investimento produtivo.

3. O senhor acompanhou pessoal-



José Eduardo de Andrade Vieira

mente a escolha do processo industrial feito pela Inpacel, como a opção pelo uso da pasta termomecânica?

R. Claro que não sou propriamente um papeleiro e não tenho conhecimento mais aprofundado a respeito da tecnologia de produção de papel. Ainda assim, como em todo empreendimento meu, acompanhei passo a passo todas as decisões técnicas. Acho que os especialistas precisam

que é entrevistado ao lado. A Inpacel tem também implantado desde 1988, quando começaram as obras de construção da fábrica, um projeto inédito na área ecológica. O Pircen - Programa Integrado de Recuperação e Conservação de Ecossistemas Naturais atualmente está sendo desenvolvido em área de 1.200 hectares e prevê a recuperação de matas nativas e repovoamento com animais da região. Através do projeto, único do gênero em fábrica de papel reconhecido pelo Ibama, a Associação Cultural Inpacel desenvolve programas de educação ambiental, e conta atualmente com mais 400 alunos da cidade de Arapotí. A fábrica, com um total de 240 mil metros quadrados, tem 60 mil metros quadrados de área construída dentro da Fazenda Barra Mansa, do grupo Bamerindus, e uma área florestal de 45 mil hectares. Segundo o presidente da Inpacel,

José Carlos Gomes Carvalhos, a reserva existente de 55 milhões de pés de árvores, a maior parte de pinus taeda, poderá fornecer matéria-pri-

ma suficiente para produzir nos próximos 17 anos sem replantio. "A chave está no desenvolvimento sustentável", justifica.

Divulgação



A indústria surge como uma das mais modernas do Hemisfério

ser respeitados, mas também acredito que o olho do dono engorda o boi.

4. Como o senhor vê a evolução dos projetos de proteção ambiental do setor de papel e celulose brasileira em relação aos países do primeiro mundo?

R. Infelizmente, essa evolução é muito lenta. Eu acredito que um empresário moderno tem obrigações sociais indiscutíveis em relação à comunidade onde instala seus negócios. Entre essas obrigações (educação, saúde e moradia são prioritárias), a proteção do meio ambiente precisa ser levada em conta, seriamente. Para instalar a Inpacel, gastei 36 milhões de dólares em equipamentos contra a poluição. É barato. Afinal de contas, a vida não tem preço, não é mesmo?

5. Para quando o senhor espera a retomada do processo de crescimento econômico do País? Os políticos podem acelerar esse processo?

R. Tenho dito sempre em meus pronunciamentos no Senado que a retomada do desenvolvimento e a correção das distorções detectadas na organização da economia brasileira são problemas de natureza exclusivamente política. Falta vontade política para iniciar esse processo. Por isso mesmo, estou propondo a antecipação da revisão da Constituição em vigor do segundo para o primeiro semestre de 1993. A idéia é, já no segundo semestre do próximo ano, o Congresso promover a necessária reforma fiscal e tributária, para que o Brasil possa começar, já em 1994, sua caminhada rumo ao Primeiro Mundo.

6. Que empresas, dentro e fora do País, são concorrentes da Inpacel, em sua opinião?

R. No segmento específico, trabalhando com esse tipo de papel alternativo, com a especificada composição de fibra, não há, na prática, nenhuma empresa concorrendo com a Inpacel no mercado interno. No

exterior, todas as indústrias canadenses, americanas e escandinavas da linha *wood containina* são nossas concorrentes potenciais.

7. Quais são as principais dificuldades das indústrias de papel integrada no Brasil?

R. É claro que, para todo o setor papelero, mas também para a indústria brasileira em geral, a principal dificuldade é aquela gerada pela atual crise econômica e pela recessão. No caso do Brasil, os efeitos perversos dessa crise são agravados por problemas estruturais de nosso sistema tributário arcaico e cheio de distorções e, também, pelo aumento permanente e sem planejamento das tarifas de serviços públicos. Pior até do que o quanto as tarifas públicas sobem, é que nunca se sabe quando nem como. Não há planejamento empresarial capaz de resistir às supresas e às peças pregadas pelas autoridades da área econômica e financeira em quem tenta trabalhar e produzir, neste país.



CF-2545

Grua de pequeno peso próprio, projetada para aplicação em carretas auto carregáveis, em sistemas de carga direta no campo com ou sem sapatas, em abastecimento de descascadores móveis, etc. Basicamente portanto nas aplicações onde o volume por ciclo não justifique equipamentos de maior porte.



CF-1270

Projetado para trabalhar em pátios com grande concentração de madeira, para manuseio de tora longa, carga e descarga de vagões ou inserido em sistema de transporte pesado.



CF-2550

Projetado para aplicações onde não exista grande volume de madeira a ser manuseado. Modelo disponível sobre cabine, sobre carreta, sobre caminhão, sobre trator, com ou sem sapatas.



TRANSPORTADOR FLORESTAL

Projetado para exploração de florestas implantadas. Com um revolucionário sistema de batente móvel traseiro, é possível empilhar as toras para uma carga mais rápida e eficiente. Este equipamento possibilita operações como arraste e empilhamento

VALMET - IMLEMATER BUSCANDO TE

Produzindo há mais de 10 anos equipamentos florestais especialmente desenvolvidos para a nossa realidade, a Valmet - Imlemater traz, também, a mais alta tecnologia



CF-5550

Projetado para operações de carga no campo ou em pátios pode ser fornecido com assento na estrutura ou com assento na coluna, para possibilitar a formação de pilhas mais altas.

Disponíveis de várias versões de montagem:

- Sobre caminhão
- Sobre cabine
- Estacionário
- Sobre trator com potência mínima de 80 HP



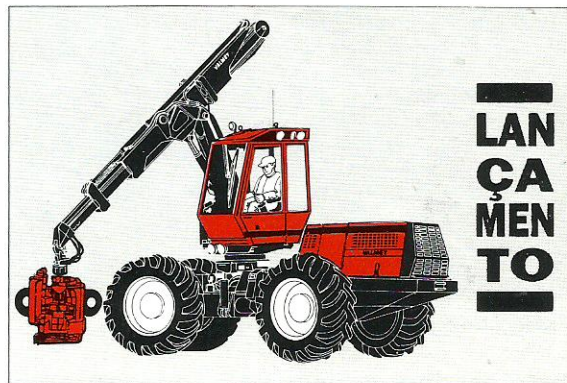
FORWARDER 636

Trator florestal articulado, auto carregável, com tração 6 x 6, 107 cv de potência, com carregador florestal de 6, 6 T x M e características técnicas para permitir 10 toneladas de carga.



SOBRE CABINE

Projetado especialmente para máxima visibilidade do operador. Adequado para operações sem uso de sapatas estabilizadoras, como por exemplo: carga direta no campo, acoplado à carreta florestal ou abastecendo descascador. Com o uso de sapatas estabilizadoras é possível obter-se maior alcance e maior capacidade de carga.



LAN
ÇA
MEN
TO

HARVESTER

Colheitadeira florestal para corte, desganhamento e traçamento. Poderá utilizar a mesma máquina base do FORWARDER 636. Disponibilidade também para modelos importados.

TECNOLOGIA, PRODUZINDO QUALIDADE.

em equipamentos florestais disponível no Grupo Valmet Logging no exterior.

Venha conhecer de perto esta tecnologia.

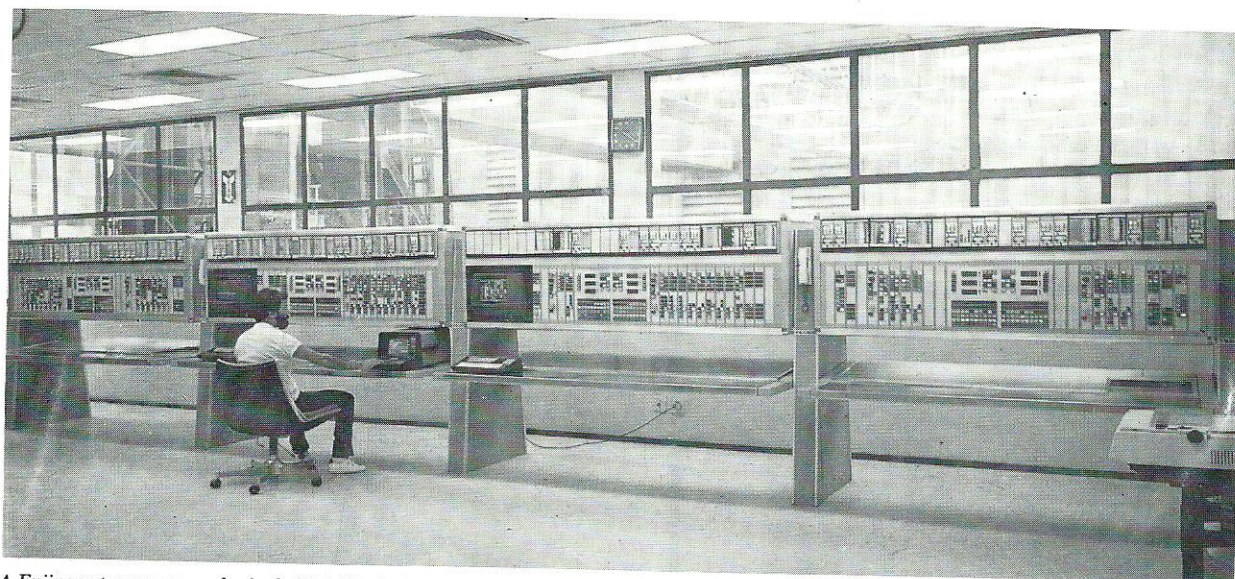
 **VALMET**  **IMPLEMATER**

VALMET - IMPLEMATER EQUIPAMENTOS LTDA.

Rua General Lucas de Almeida Guimarães, 211
Tel.: (041) 366-2211 - Telex 41-5820 - Fax (041) 266-8460
CEP 83323-130 - Vila Tarumã - Piraquara - Paraná.
Caixa Postal 7412 - CEP 80021-970 - Curitiba - PR.

OS INSTRUMENTOS QUE DÃO SEGURANÇA AO CONTROLE DE QUALIDADE

Quase 40% dos negócios do setor de controles microprocessados são originados pelas indústrias de celulose e papel.



A Fujinor atua com tecnologia da Fuji Eletric japonesa

A função dos instrumentos de medição e controle microprocessados numa indústria hoje, quer seja ela do setor siderúrgico, petroquímico ou de papel e celulose, é tão vital quanto os equipamentos da UTI para a manutenção da vida do paciente. Esses instrumentos medem pressão, temperatura e vazão, variáveis que têm relação direta com a qualidade dos produtos e a segurança de manutenção constante dessa qualidade. Os controles relacionam-se, portanto, diretamente com a produtividade e eficácia da empresa.

Com forte atuação no setor de celulose e papel, que representa em alguns casos cerca de 35% a 40% de seus negócios, as empresas que oferecem produtos nestas áreas também foram afetadas pela situação econômica do País, que reduz investimentos e adia projetos. A saída enxergada por elas foi passar a representar companhias internacionalmente conhecidas, desenvolver novos produtos

ou agregar serviços a suas soluções.

Vendendo melhorias

Pedro Tsuchiya, diretor comercial da Fujinor, diz que hoje a grande maioria dos negócios vêm da reposição de peças e dos projetos de melhoramentos. Além da linha própria de painéis elétricos e de instrumentação, a empresa que dirige também comercializa no Brasil uma linha de controladores, registradores e transmissores inteligentes da Fuji Eletric do Japão, que detém 28% do capital da Fujinor.

“Acredito numa recuperação do mercado apenas a partir do próximo ano”, calcula. “O setor papelheiro, que representa 30% das vendas da Fujinor, terá vital importância nessa fase”.

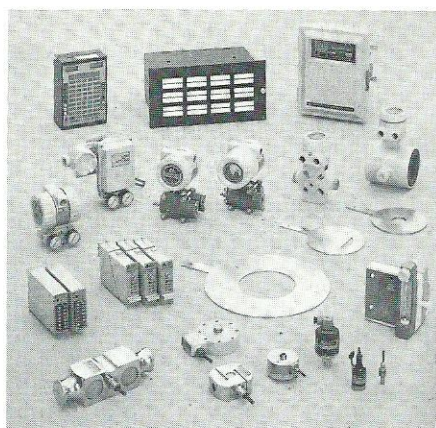
Enquanto isso, relata Tsuchiya, a empresa vem dando ênfase no oferecimento aos clientes de pacotes com soluções integradas, ao mesmo tempo em que realiza uma mudança na

filosofia de produção, visando-se adequar às normas do ISO 9000 em suas unidades fabris de Montes Claros e Belo Horizonte, MG. Também investe na implantação de uma unidade de assistência técnica aos produtos importados.

Em atividade desde 1978, a companhia, controlada pela *holding* Montes Claros, espera faturar em torno de US\$ 15 milhões este ano.

Papel, o melhor mercado

Outra empresa que vem trazendo produtos do exterior é a Enginstrel Engematic, que há quase um ano está comercializando no Brasil equipamentos da indústria japonesa Yokogawa Eletric Corp., nas áreas de analisadores, controladores e registradores microprocessados. Essas linhas representam 10% do faturamento da empresa, que desde 73 fabrica, com tecnologia nacional, instrumentos de campo como



Enginstrel vende produtos próprios e importados

medidores eletromagnéticos, transmissores de pressão e temperatura, conversores eletropneumáticos, posicionadores eletropneumáticos e conversores eletrônicos.

“O principal mercado da Enginstrel está na indústria de celulose e papel, que representa entre 35% e 37% dos nossos negócios, com destaque para os medidores eletromagnéticos de vazão e os transmissores de pressão” diz Kenji Fukuda Yamashita, diretor da Enginstrel, segundo o qual os setores químico e petroquímico vem a seguir na importância das vendas. A empresa não exporta sua produção.

Os resultados da Enginstrel este ano, quando espera obter faturamento de US\$ 12 milhões, seriam piores se não fosse o setor de papel e celulose, que reduziu projetos mas continua investindo. A empresa opera sua fábrica em Sorocaba-SP com capa-

cidade ociosa de 30%.

Yamashita confia, entretanto, no reaquecimento e sua empresa se prepara para o futuro: está desenvolvendo um novo produto sobre o qual, por enquanto, não quer comentar, e está instalando um stand de calibração de medidores de vazão na fábrica, ao custo de US\$ 500 mil, para garantir a qualidade e capacidade dos medidores. “Além disso”, conta ele, “estamos criando doze centros de assistência técnica especializada, nos principais polos econômicos do País

A adequação às normas ISO 9000 transforma a filosofia de produção do setor

para fortalecer as relações com clientes de regiões mais distantes”.

A Enginstrel se prepara também para obter certificação de qualidade no padrão ISO 9002.

A multi de Sertãozinho

Situação de certa forma inversa das empresas que comercializam produtos estrangeiros tem a Smar, de

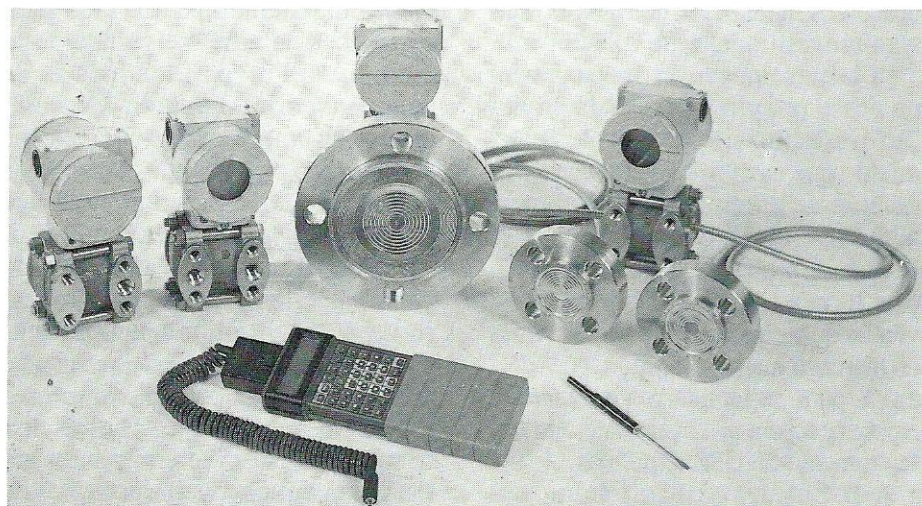
Sertãozinho-SP, que neste ano conseguirá 35% de seu faturamento com exportações para os Estados Unidos, Ásia, Noruega e América Latina. A linha de produtos microprocessados da empresa vai de transmissores de pressão e temperatura e controladores Multi-Loops até o sistema digital de controle distribuído Smarcon 2.0.

A Smar tem indústrias subsidiárias na Alemanha, em Singapura e em Houston, nos Estados Unidos, além de um centro de pesquisa e desenvolvimento perto de Nova York. Eliseu Vinhado Rodrigues, responsável pelo setor de Celulose e Papel, diz que o mercado externo representa 36% dos negócios da empresa, liderados pela comercialização do sistema Smarcon 2.0, controladores e transmissores. No total, o faturamento deverá chegar a US\$ 20 milhões neste ano.

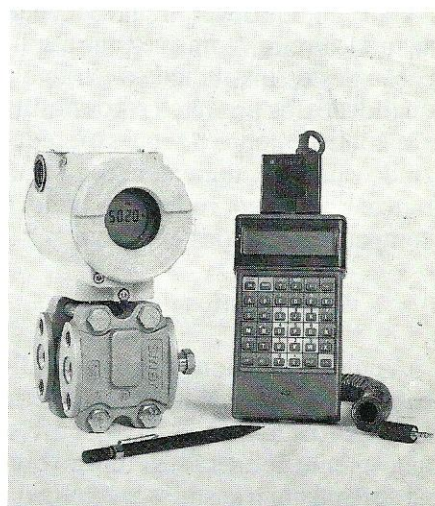
A decisão de montar bases fora do Brasil foi tomada em 86, quando se aproximava o fim da reserva de mercado de informática.

“Foi uma estratégia acertada” avalia Rodrigues. “Dentro de pouco tempo o faturamento no mercado internacional deve superar o do mercado nacional.”

Esperando uma retomada econômica no próximo ano, a empresa já implementou a norma ISO 9000, se prepara para evoluir para a 9001, e introduzir internamente uma filosofia de desenvolvimento que aplica a sua linha de produtos o conceito de



Instrumentos inteligentes da Smar



comunicação digital de sensores e válvulas.

Importados com assistência

Luis Antonio Freire, vice-presidente da Ecil, empresa 100% nacional que fabrica sensores e controladores, reforça a constatação de que os negócios, afetados pela crise econômica, se restringiram ao mercado de reposições.

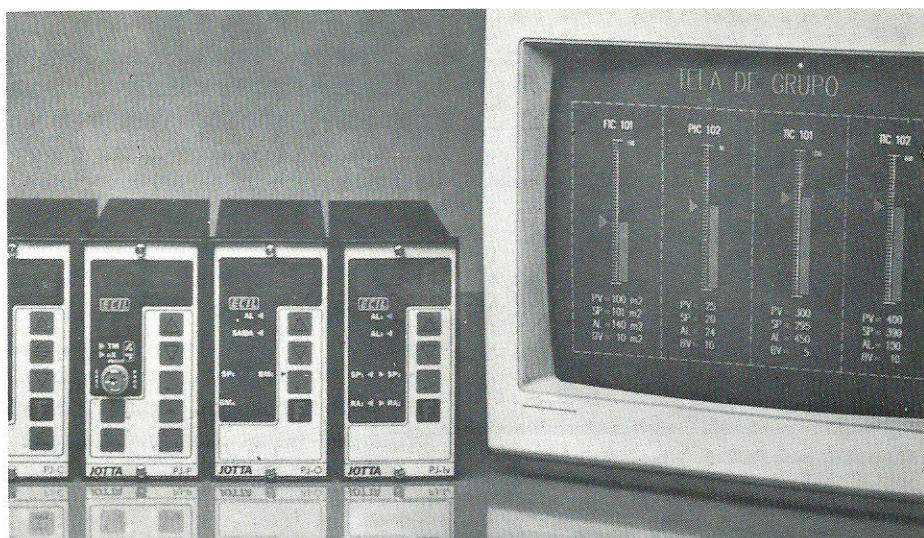
“As vendas tiveram uma queda de 40% ao longo dos últimos dois anos” ilustra. “Mesmo os projetos do setor de papel e celulose sofreram paralisações, e esse setor, que já representou entre 15 e 20% do faturamento da empresa, hoje equivale a aproximadamente 8% dos negócios.”

A Ecil fabrica a série Jotta de sensores de temperatura, controladores industriais “Single Loop”, indicadores, programadores de Set Point e registradores de variáveis de processo. De 90 para cá a empresa firmou acordos de representação com várias empresas estrangeiras, como a norte-americana Raytek, na área de pirômetros de radiação infra-vermelha, com a inglesa Isotek, para equipamentos de calibragem de sensores de temperatura e com a também norte-americana Chessell, na linha de registradores microprocessados. Além disso passou a oferecer a seus clientes, quando necessário, soluções integradas usando produtos de terceiros e garantia de assistência técnica no início do projeto.

Os negócios deverão se reaquecer, segundo Freire, “uma vez que a aplicação destes instrumentos garante a qualidade dos produtos e possibilita um controle sobre o processo, reduzindo custos e aumentando a segurança”, fatores indispensáveis à competitividade das empresas.

Lançamentos na crise

A empresa demonstrou essa confiança ao lançar recentemente a série Junior de controladores programáveis, lançamento que será seguido em breve pelo de um transmissor inteligente de temperatura de campo, e por



Produtos da série Jotta da Ecil

atuadores de processo tiristorizados e servoacionados.

Para o ano que vem está programado o lançamento de uma nova versão da série Jotta de instrumentos

panhia norte-americana Fisher Controls e sua subsidiária Exac Corporation. São medidores de vazão, controladores, registradores e um sistema de diagnóstico em linha

Afetadas pela recessão econômica, e obrigadas a oferecer sempre tecnologias modernas, as empresas de controles microprocessados procuram vender pacotes com soluções integradas aos seus clientes.

microprocessados para controle de processos industriais, que devem consumir investimentos de US\$ 200 mil.

“Continuamos investindo também no nosso próprio processo de produção” ressalta o vice-presidente, informando que na fábrica de Piedade-SP, a empresa está implementando as normas ISO 9002 e o conceito japonês Kanban de produção, onde os funcionários formam células flexíveis. Com vendas quase que totalmente absorvidas no mercado interno, e exportações de 4 a 5% para Argentina e Venezuela, a empresa espera alcançar neste ano um faturamento de US\$ 8 milhões.

A H.Cidade, de São Paulo, comercializa linhas de produtos da com-

para válvulas de controle da Fischer, além do sistema Provox Plus para aplicações de médio e grande porte e do micro Provox Plus para as de pequeno porte. Eduardo Carboni, diretor da empresa, que atua apenas no mercado paulista, destaca que os medidores de vazão com eletrônica microprocessada apresentam solução inovadora para a indústria de papel e celulose, que representa cerca de 40% do faturamento da empresa. Podem ser utilizados desde a área de preparação até os digestores e área de recuperação. Outros distribuidores em diversos pontos do País também negociam produtos da Fisher.

SUCHEK, UMA VISÃO DE DOIS MUNDOS

A análise de um consultor da JPE sobre o setor, suas vantagens comparativas e suas dificuldades.

Val Suchek, vice-presidente da Jaakko Poyry Engenharia Ltda., escritório brasileiro de uma das mais tradicionais empresas de projetos industriais do setor em todo o mundo, trabalha há mais de vinte anos na área. Acostumado a usar parâmetros internacionais no seu trabalho, ele avalia aqui, com "olhos europeus", o momento atual do setor dentro do panorama mundial e da concorrência entre fornecedores.

C&P - Como se situa hoje o setor celulósico-papeleiro em níveis internacionais, em comparação com os mesmos setores de outros países?

VS - A indústria brasileira de celulose e papel experimentou uma grande expansão nas décadas de 1970 e 1980. Esta expansão foi resultante de uma série de fatores como: demanda crescente de papel nos mercados domésticos; apoio firme do sistema BNDES para novos projetos; implantação de uma ampla base florestal; programas de pesquisa sivicultural com apoio tecnológico industrial que destacaram o mérito da fibra do Eucalyptus; consolidação das indústrias de bens e serviços que incorporaram às novas fábricas brasileiras o padrão tecnológico das fábricas então existentes nas tradicionais regiões produtoras de celulose



e papel. É bem verdade que nem todas as empresas aproveitaram a onda de desenvolvimento. Mas as fábricas que passaram por uma modernização, ou que foram implantadas dentro dos princípios de economia de escala, estão garantindo a posição brasileira no mercado internacional. A indústria brasileira de celulose e papel que hoje participa do mercado externo é considerada competitiva em custo, especialmente quando associada à fibra do Eucalyptus.

C&P - Como é a imagem dos produtos brasileiros de celulose e papel na visão dos concorrentes europeus? Os produtores são considerados uma ameaça?

VS - Quando se trata de mercado externo, é importante separar o produto celulose do produto papel (ou papéis). A celulose, como matéria-prima, interessa a uma série de produtores de papel, sendo a celulose de Eucalyptus até preferida entre outras celuloses de fibra curta na fabricação de alguns tipos de papel. Os papéis, por sua vez, também precisam ser separados nos seus diferentes tipos. Os papéis de imprimir e escrever, graças às características da fibra homogênea do Eucalyptus, tem tido uma crescente aceitação no mercado europeu. Os papéis de embalagem, para fabricação de caixa, precisam concorrer em custo com os crescentes níveis de utilização de fibras recicladas. Os papéis à base de pastas mecânicas, como o papel jornal revista, pelo alto custo de energia e pelo tipo da fibras aqui utilizada, são produtos com pouca margem de competição no mercado externo. Os papéis absorventes, pela fragilidade e baixa relação de peso-volumê, não suportam grande distâncias de transporte. Assim, tanto a celulose branqueada de Eucalyptus como os papéis brancos também à base de Eucalyptus são considerados como os produtos mais competitivos e deverão conquistar participação crescente no mercado europeu, deslocando outros produtores.

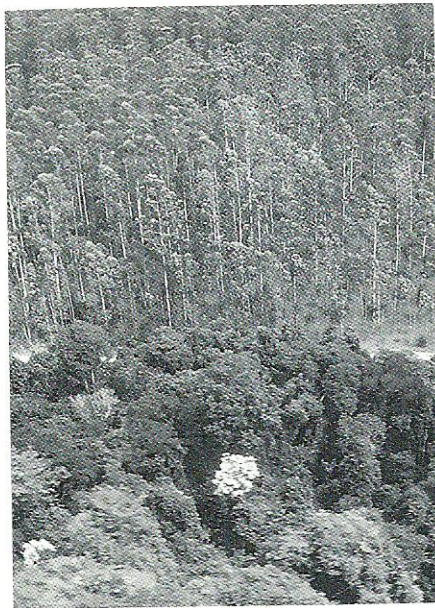
C&P- Estamos falando ao mesmo tempo das condições reais de exportação e da imagem das empresas e de seus produtos...

VS - Em termos de imagem do exportador brasileiro, também é importante separar a celulose dos papéis. À medida que se integram (com produção de papel) as fábricas de celulose do hemisfério norte, abre-se o mercado para os novos fornecedores de celulose. Aos produtores de celulose do hemisfério norte, sem dúvida, preocupa a entrada de produtores como os brasileiros, que contam com matéria-prima a custos mais competitivos. Já aos produtores não integrados de papel interessa a garantia de matéria-prima a preços mais competitivos. Ganha o mercado produtor que obtém qualidade e preços competitivos, sendo isto válido tanto para celulose como para papel. No entanto, aos produtores não-integrados de papel na europa, especialmente os de papéis de imprimir e escrever, incomoda a posição dos produtores brasileiros de um lado como fornecedores de celulose, e de outro lado, como concorrentes em papel.

C&P- Os projetos florestais do setor são, de maneira geral, bastante avançados em termos de proteção ambiental. O empresário brasileiro se queixa, no entanto, que é vítima de uma desconfiança do consumidor estrangeiro, de que a celulose viria de desmatamentos descontrolados. Como o sr. vê esse preconceito?

VS - Devido ao desconhecimento geográfico por parte do consumidor, os exportadores brasileiros de celulose e de papel têm necessidade de explicar a todo momento que as fábricas de celulose nada tem a ver com os desmatamentos da Amazônia. O consumidor europeu não consegue distinguir os reflorestamentos homogêneos de Eucalyptus, Pinus e acácia, das florestas tropicais do norte do País. Como consultor, já presenciei o cancelamento do projeto de uma

grande fábrica de celulose na Indonésia, porque haveria de derrubar mata nativa para implantar floresta homogênea. O grupo investidor, grande produtor mundial de papéis absorventes, após sofrer boicotes contra a sua linha de produtos nos supermercados na europa, decidiu cancelar o projeto antes de enfrentar maiores problemas. Esta desconfiança do consumidor europeu, muitas



“Com o tempo crescerá a pressão para proteção das florestas nativas na América do Norte e Europa. Isso abrirá novos horizontes industriais para países como o Brasil, cujas florestas industriais são plantadas”

vezes fomentada por concorrentes, requer um continuado esforço de esclarecimento por parte do exportador brasileiro. Com o tempo crescerá a pressão para proteção das florestas nativas na América do Norte e Europa. Isto abrirá novos horizontes industriais para países como o Brasil cujas indústrias de base florestal estejam lastreadas em florestas plantadas especificamente para fins industriais.

C&P- Como é a posição da opinião pública européia em relação a desenvolvimento sustentado no Brasil?

VS - A característica do Eucalyptus de rebrotar, permitindo vários cortes da mesma floresta sem necessidade de trato mecânico do solo, bem como a prática consagrada no Brasil de preservar as matas nativas residuais, e as matas ciliares como proteção de cursos de água e fauna, já são uma base excepcional para a prática do novo conceito de “desenvolvimento sustentável”. Na verdade, o princípio do desenvolvimento sustentável, ou auto-sustentável, já vem sendo praticado no Brasil pelas principais empresas florestais-industriais, até porque a perenização da disponibilidade da matéria-prima é essencial para a existência do empreendimento industrial. A opinião pública européia, no entanto, por não conhecer a legislação brasileira que norteia o reflorestamento no País, ainda não entendeu que o princípio de desenvolvimento sustentável é amplamente praticado no Brasil pelas empresas produtoras de celulose. Enquanto na América do Norte as fábricas de celulose se abastecem com madeira proveniente de florestas de domínio público, aqui no Brasil a fábrica é obrigada a buscar um alto nível de auto-suficiência em suprimento de madeira.

C&P- A JPE é considerada uma incentivadora do desenvolvimento do setor de papel e celulose no Brasil e em outros países. Como o sr. vê o futuro de projetos nesse setor? Aumentaram as dificuldades para novos projetos e para os já em andamento?

VS - Diferente de todos os demais países exportadores, o investimento industrial e florestal no Brasil é onerado com impostos, tanto na fase de implantação como na fase de operação da fábrica. No total de investimento para uma nova fábrica de celulose, os impostos sobre bens e serviços montam em 15 a 18% reduzindo a rentabilidade do empreendi-

mento e em alguns casos afugentando o investidor para outros países onde, mesmo com custo a maior de madeira, possa reduzir o desembolso inicial. Também diferente dos países industrializados, o Brasil vinha onerando a exportação de celulose com ICMS, reduzindo a competitividade do exportador brasileiro. Para manter a competitividade de custo, há necessidade de eliminar estes onus fiscais, pois mais importante que impostos, os novos projetos podem garantir empregos e divisas a longo prazo. Com a abertura dos mercados a nível mundial, a indústria de celulose e papel tende à globalização. Com isto, as novas fábricas serão localizadas onde houver competitividade de custo. Assim, no Brasil terão progresso os projetos competitivos em custo. Isto vale tanto para celulose como para papel. O Brasil tem as condições básicas de terras, clima e recursos humanos para sustentar uma vigorosa expansão da indústria de celulose e papel, orientada à exportação. A demanda mundial de papel, e celulose por consequência, continuará crescendo à medida que melhora o poder aquisitivo dos povos. O nível de reciclagem de papel terá limites técnicos e econômicos, persistindo a necessidade de celulose virgem no mercado.

C&P- Como o sr. vê a disponibilidade de recursos dentro e fora do País para implantação de novos projetos ou mesmo para a modernização dos já existentes?

VS - As novas fábricas de celulose, para maximizar a rentabilidade, são construídas com capacidade de produção da ordem de 500 mil toneladas/ano, requerendo investimentos intramuros da ordem de US\$ 700 a

“A demanda mundial de papel, e celulose por consequência, continuará crescendo à medida que melhora o poder aquisitivo dos povos. O nível de reciclagem de papel terá limites técnicos e econômicos, persistindo a necessidade de celulose virgem no mercado”

800 milhões, que agregados aos investimentos em terras, florestas e infraestrutura alcançam a casa de US\$ 1 bilhão. Com isto, para montar a estrutura financeira do empreendimento, os investidores tornam-se mais e mais seletos, aumentando a tendên-

cia de associação de dois ou mais investidores para alavancar um mesmo empreendimento. Mesmo assim, tão logo melhore o clima para investimento aqui e a nível internacional, o Brasil voltará a ser procurado para novos empreendimentos, desde que os projetos ofereçam rentabilidade e um nível adequado de segurança para o capital empregado.

C&P- De maneira geral, o senhor destaca a competitividade do setor, principalmente do setor de celulose, no panorama internacional, e considera-a um dado decisivo...

VS - O Brasil conquistou uma liderança inquestionável em termos florestais, quando aqui as florestas de Eucalyptus podem ser cortadas ou exploradas aos 6 ou 7 anos de idade, contra 60 ou 70 anos na Escandinávia. Caso o Brasil não exerça esta liderança, passará a sofrer concorrência de outros países com condições climáticas semelhantes, na América Latina ou no Sudeste Asiático. Isto significa que, se não exercer esta liderança em termos florestais e industriais, o Brasil perderá a oportunidade de multiplicação de empregos e de geração de divisas oriundas das atividades industrial e florestal.



PARABENIZA A INPACEL

A CELLIER DO BRASIL congratula-se com a **INPACEL** pelo sucesso obtido no start-up da sua Planta de BTCMP e da Máquina de Papel, certa do mesmo sucesso para a Máquina de Pintar. Orgulhamo-nos de ter participado neste importante e corajoso projeto com o fornecimento de uma Instalação Completa de Preparação de Caulim, Amido, Tintas e Aditivos, onde foi aplicada a mais moderna tecnologia atualmente utilizada neste setor.

A COTAÇÃO DA EMBALAGEM DE PAPEL

Os fabricantes de papel poderão se beneficiar com as novas exigências dos consumidores com relação a embalagens. A boa cotação do papel aparece no estudo realizado pelos organizadores da Emballage 92, importante mostra do setor que acontecerá de 12 a 18 de novembro, em Paris. A pesquisa feita este ano em seis países da Europa, apontou que as embalagens de papel e cartão possuem imagem ecológica, segura, moderna e são apreciadas por sua leveza. A feira, que será realizada no Parque de Exposições de Nord Villepinte, evidenciará a normatização, adequação e regulamentação das embalagens às exigências de proteção ao meio ambiente a nível europeu e mundial. Participarão do evento 2.800 expositores de diversos setores da indústria de embalagem.

As embalagens de papel ocuparão 28% da área reservada à exposição de bens de consumo, acima das de metais e de vidro que ocuparão 27% e 15%, respectivamente. As embalagens de plástico corresponderão a 30% da área. Segundo dados do IFEC (Instituto Fran-



ças de Embalagem e Acondicionamento), o mercado mundial de embalagem faturou US\$ 220 bilhões nos anos de 1990 e 1991, sendo US\$ 175 milhões só no setor de matérias primas.

Quatro categorias de consumidores

O estudo Emballage 92/MV2 pesquisou 1.400 pessoas na França, Itália, Espanha, Holanda, Inglaterra e Suécia, como o objetivo de conhecer as atitudes e expectativas dos consumidores. A pesquisa revelou quatro tipos de euro-consumidores de emba-

lagem. São eles:

- Os ambientalistas: têm como primeiro e quase único critério de escolha a ecologia, constituem 34,5% da população estudada. São os nórdicos. Preferem papel cartão.

- Os práticos: representam 22,3% da população europeia e estão em busca das qualidades de origem da embalagem - conservação, proteção eficaz, praticidade no transporte e no uso. Preferem plástico e vidro.

- Os sensoriais: um quarto dos consumidores sondados (25,8%) frequentemente são mais sensíveis à apresentação, à aparência e ao lado estético da embalagem. São latinos, de origem ou comportamento, e querem sentir e tocar o produto. Gostam de vidro, plástico e metal.

- Os puristas: constituem 17,4% da população pesquisada e consideram o acesso direto ao produto como primeira necessidade. Preferem embalagens de menos peso, volume restrito e de pouca significância diante de seu conteúdo. São os ingleses. Gostam de cartão e não gostam de vidro.

O TRABALHO DA CONSULTORA

Os fabricantes de papel procuram, cada vez mais, fornecer produtos de maior valor agregado e explorar nichos de mercado mais lucrativos. Com isso, precisam se preparar para lidar com as novas exigências do mercado aqui dentro e no Exterior, e reciclar seus executivos e profissionais. Essa descrição da fase de transição porque passa o setor é da consultora Ieda Novais, sócia da Mariaca Associates, de São Paulo, e responsável nessa empresa pelo recém-firmado acordo internacional de prestação de serviços com a Falmouth Associates, consultoria especializada no setores papeleiro e químico, de Maine, Estados Unidos. Ieda Novais vem da área de Marketing e está entusiasmada com as possibilidades de trabalho que o acordo entre as duas consultorias proporciona. "O



Ieda Novais

setor está em transformação. Recebemos pedidos de projetos para atingir mercados como os de papéis especiais, o que fazer com o maquinário antigo, como aproveitar o nicho dos produtos verdes, e como minimizar as

dificuldades de adaptação a novas tecnologias. Estamos respondendo a isso com uma nova forma de consultoria, unindo as áreas de RH e de assessoria tecnológica. Ao mesmo tempo que fazemos treinamento, e recrutamento de quadros executivos, oferecemos também assessoria técnica." Através da parceria com a consultoria americana, a Mariaca Associates oferece aos clientes estudos de mercado internacional, estudos de desenvolvimento técnico, projetos de desenvolvimento de assistência no mercado externo, assistência na implantação de novas fábricas, negociações técnicas com vendedores de equipamentos, implementação de Qualidade Total, auditorias técnicas para avaliar o desempenho das fábricas, e avaliação de imagem, entre outros serviços.



**Integração
Industrial IBM.
Para quem não
quer competir de
igual para igual
com os outros.**

Investir em tecnologia IBM é a melhor maneira da sua empresa levar vantagem no mundo competitivo de hoje.

Só a IBM tem soluções sob medida para alimentar sua empresa de sistemas de informação. O CIM — Computer Integrated Manufacturing — permite que clientes de qualquer tamanho tenham acesso ao que existe de mais moderno em sistemas de informação estratégicos.

São recursos que vão desde o desenvolvimento de produtos, até o planejamento e o controle da produção, incluindo soluções de automação industrial.

Entre em contato com a IBM e traga o CIM para a sua empresa.

Porque o importante não é só competir, é vencer.



Maiores informações você poderá obter pelo telefone (9-011) 246-1511.

AS PRIORIDADES DA HIGIENE INDUSTRIAL

Monitoramento médico e novos itens de segurança nos projetos industriais são pedidos por especialistas durante o I Seminário sobre Higiene Industrial e Medicina Ocupacional para as Indústrias de Papel e Celulose.

Depois de ter atingido o 8º lugar do *ranking* mundial na produção de celulose e o 13º lugar na produção de papel, as industriais brasileiras têm pela frente a tarefa de desenvolver projetos de ambientes de trabalho que garantam mais segurança aos funcionários do setor. Essa posição foi defendida por especialistas de Medicina do Trabalho durante o I Seminário sobre Higiene Industrial e Medicina Ocupacional para as Indústrias de Papel e Celulose, realizado no último dia 28/09, em São Paulo. Para justificar essa necessidade, o médico especialista Paavo Jappinen, PhD em Saúde Ocupacional e docente na Universidade de Knopio na Finlândia, apresentou dados internacionais - pelo menos 30% dos funcionários que trabalham nas plantas de papel e celulose, em todo o mundo, são afetados direta ou indiretamente por algum tipo de processo mecânico ou químico. O seminário foi promovido pelo Sepaco, Serviço Social da Indústria do Papel, Papelão e Cortiça do Estado de São Paulo, pela Ripasa, e pela Jaakko Poyry, no Centro de Convenções do Edifício do Deutsche Bank. Compartilhando as preocupações do seu colega europeu, o médico Nélio Alves Pereira, do Sepaco, afirmou que no Brasil as empresas estão mais preocupadas com doenças de latência curta. "Estamos lavando os degraus" lamentou. Segundo Jappinen além de problemas de saúde comuns como a perda de audição, os especialistas estudam a possível ocorrência de aumento na incidência de câncer do sistema linfático, num prazo de 15 a 20 anos. "Como sabemos, temos trabalhadores estáveis e empregos du-



Paavo Jappinen

radouros nesta área, fazendo com que haja maior exposição toxicológica". Outras moléstias comuns no setor industrial químico são eczema, intoxicação e doenças cardiovasculares. O alcoolismo também aparece como importante e frequente distúrbio da saúde.

Lampião antigo

Na opinião do médico, o Brasil ainda não possui dados oficiais confiáveis para uma avaliação mais específica da situação. "As estatísticas são como um lampião antigo que iluminam, porém não muito..." Ele mencionou problemas menos conhecidos, como o crescimento de bactérias e fungos na madeira armazenada nas indústrias, e problemas que são objeto de estudos mais intensos, como o aumento na incidência de câncer, relacionada com o uso do amianto e dos clorinados. O médico defende a realização de exames médicos cons-

tantes nos empregados, que poderão servir de subsídios para determinar as mudanças a serem realizadas no local de trabalho. Os exames não devem ser entendidos como benefícios dos trabalhadores, mas como permanente monitoramento do seu estado de saúde. Com relação ao futuro, Jappinen assegurou que a reciclagem do papel será uma das principais discussões mundiais no ano 2000. "Problemas com contaminações e dióxidos são praticamente certos" adiantou. Para Nélio Alves Pereira, as indústrias estão muito preocupadas com problemas do dia-a-dia do setor, como o alcoolismo e os acidentes de trabalho. As doenças que exigem um acompanhamento por um longo período, entretanto, ainda não despertam o mesmo grau de atenção. "Além de não adotarmos estudos epidemiológicos mais adequados, estamos ainda iniciando a adoção de critérios discriminadores" alertou. Ele relacionou essa dificuldade com o aparecimento tardio de serviços especializados em Medicina do Trabalho no Brasil, o que só ocorreu por volta de 1972.

Processo de segurança

O médico americano John E. Wright, da empresa Roy F. Weston, colocou a questão como um problema internacional, afirmando que no mundo inteiro os empresários estão bastante preocupados com a segurança de indústrias como as do setor. Os vazamentos, a manipulação de produtos químicos e as caldeiras são os itens principais de atenção. Para haver segurança no processo da confecção dos produtos, é muito importante

que sejam feitos programas de segurança e gerenciamento de emergência, aconselhou ele. "As pessoas do setor administrativo das empresas devem preparar informações por escrito sobre produtos químicos, e possuir conhecimentos de tecnologia e utilização do processo". Os maiores problemas são a falta de um diagrama atualizado sobre os processos de segurança, análise de perigos e folha de dados. Para uma análise mais precisa, é indispensável saber causas, consequências e fatores de risco das empresas. Os processos de segurança, acha ele, pecam por falhas de comunicação.

Jogo

Os jogos de poder, e os prejuízos das iniciativas técnicas, diante das iniciativas políticas, ainda marcam negativamente o comportamento de muitas empresas, na opinião do diretor da Jaakko Poyry Engenharia, Livaldo Aguiar dos Santos. Ele cita, entretanto, o Polo Petroquímico de Camaçari como um dos principais exemplos da superação desta relação de poder. Para ele, um programa de higiene industrial tem que começar com um programa de esclarecimentos para que seja totalmente aceitável no meio. Ele sente também falta de leis



Os processos de segurança em discussão

mais rígidas, porquanto considera a legislação brasileira primitiva com relação aos impactos internos e externos das indústrias na saúde humana. Os novos projetos arquitetônicos deveriam também, na sua opinião, conter mais itens de segurança, como saída para escape de emergência. Aguiar dos Santos acredita que somente através de estudos específicos é possível uma postura de flexibilidade cooperacional e de descentralização da empresa, englobando projetos dirigidos. "Todo esforço que se coloca a nível de projeto é positivo, não só pelo papel ocupado pela empresa, mas

também pelo seus agentes" acentuou. Ao contrário do que se pensa, asseverou ele, não é preciso investir muito para que seja implantado o desenvolvimento dessas tecnologias, incluindo métodos e processos de trabalho. "O importante é que haja primeiro uma conscientização dos trabalhadores, para que tenha sucesso o modelo a ser implantado". Aguiar dos Santos acredita na visão de futuro dos empresários e no incremento do setor. "Eles não vão esperar a legislação cobrar um papel fundamental das indústrias, estarão na dianteira da lei" apostou.

OS VENCEDORES DO PRÊMIO SEPACO

O trabalho "Audiometria Industrial em uma fábrica de Celulose e Papel" venceu o V Prêmio Sepaco de Saúde Ocupacional 1992, anunciado no final de agosto no Centro de Convenções do Deutsche Bank, em São Paulo. Osmar Zogbi, vice-presidente da ANFPC, entregou a premiação ao médico da Riocell, Marcelo Scarpellini Silveira, um dos autores do trabalho. Silveira relatou aos presentes a experiência de converter para a linguagem científica os acontecimentos da rotina diária das fábricas do setor. Participaram também do trabalho vencedor, os médicos Airton Kwitko e Raul Guilherme Pezzi, do Hospital Lazzaroto.

Além do prêmio principal, receberam menção honrosa dois outros tra-

balhos: "Estudo Comparativo e Ergonômico da postura em cortadores de madeira pertencentes à indústria de papel e celulose" de autoria das fisioterapeutas Erika Adaché e Maise Bernardes de Oliveira, do Clube Palmeiras; e "Revisão bibliográfica na área de Medicina Ocupacional, no setor de celulose e papel, de 1985 a 1990", elaborado por Sonia Maria de Sales, do Sepaco. Na solenidade, que foi realizada logo após o I Seminário de Higiene Industrial do setor, foi comemorado também o 36º aniversário do Hospital Sepaco e o lançamento do Fundo Editorial Sepaco. O superintendente geral do Hospital Sepaco, Haino Burmester, destacou especialmente o lançamento do fundo editorial, que tem como objetivo editar livros



Osmar Zogbi entrega os prêmios

sobre temas ligados à saúde. "O Sepaco entende que está contribuindo para sanar as várias dificuldades encontradas no setor de papel e celulose", afirmou.

NOTICIÁRIO

INAUGURADA ESCOLA CHERKASSKY

No final de setembro foi inaugurada a 48ª escola da rede do Senai de São Paulo, em Cubatão. Ela recebeu o nome de Escola Senai Hessel Horácio Cherkassky, numa homenagem ao líder do setor de celulose e papel. "Horácio é um homem de personalidade forte. Tem a virtude de conduzir e dar a impressão de ser conduzido" disse Mario Amato, que compareceu à solenidade de inauguração ao lado de Carlos Eduardo Moreira Ferreira, então presidente do Conselho Regional do Senai paulista, alguns dias

antes de assumir a presidência da Fiesp. O homenageado e patrono da escola também discursou para autoridades e jovens presentes ressaltando a importância da formação de técnicos qualificados. "Hoje, com as máquinas modernas e com os recursos da informática, nada pode ser feito se não contarmos com quem produza corretamente". Moreira Ferreira elogiou Cherkassky dizendo que aquela homenagem era pequena "diante do que ele já fez e ainda vai fazer pela indústria do Brasil". Assen-



tada em terreno de 13 mil metros quadrados, a Escola Hessel Horácio Cherkassky oferecerá 1.100 vagas em áreas como Eletricista de

Manutenção, Mecânico Geral e Caldeiraria, além de cursos de formação geral, para a faixa etária de 14 a 18 anos.

ARACRUZ MUDA PROCESSO

A Aracruz Celulose está investindo US\$ 100 milhões para evitar brigas com os ecologistas europeus. É essa a quantia que a empresa desembolsará até março de 1993 na substituição do cloro pelo oxigênio no processo de branqueamento da celulose. A Aracruz considera o risco ambiental do cloro inexistente, mas tem uma forte razão para não criar

polêmica: o mercado europeu responde por 37% da exportações da empresa, que somaram 419 mil toneladas no primeiro semestre. "O oxigênio já é usado em 25% da produção e deverá atingir 75% até 1994", diz Mauro Molchansky, diretor financeiro. "A médio prazo, a substituição será positiva, pois o oxigênio é 10% mais barato."

NOVO BOLETIM DA ABPO

A ABPO - Associação Brasileira do Papelão Ondulado, lançou recentemente o "Informativo ABPO". O boletim será publicado quadrimestralmente e conterá informações técnicas, inovações tecnológicas, divulgação de cursos, feiras e eventos nacionais e internacionais de interesse do setor,

além de um espaço aberto para que os associados façam sugestões de matérias. A nova publicação da ABPO cumpre uma das propostas de atuação de sua nova diretoria e vem complementar a prestação de serviços da entidade, que já contava com o Boletim Informativo Estatístico, de edição mensal.

REFORÇANDO OS OBJETIVOS

Na última assembléia da Cicepla - Confederação Industrial de Celulose e de Papel Latino-Americana, realizada de 1 a 6 de outubro na Venezuela, a ANFPC - Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose, elaborou amplo documento de sugestões em que resalta a importância do cumprimento dos objetivos contidos no estatuto

da confederação, criada em 1976 para representar o interesse industrial produtor de celulose e papel na América Latina. Entre as sugestões de temas e atividades propostas pela ANFPC, se destacaram o desenvolvimento de estudo de complementaridade comercial entre os países membros, em prazo definido, com identificação e

análise dos fatores que dificultam os negócios multilaterais, a criação de Comissão Especial para a elaboração do projeto de uniformização de nomenclatura e de normas técnicas comuns, elaboração de projetos de banco de dados, criação de cadastros de instituições situadas em todos os países-membros que ministrem cursos re-

gulares de interesse do setor de celulose e papel, divulgação anual de programas de eventos e a criação de boletim estatístico para distribuição periódica. A delegação brasileira foi formada por 22 pessoas, entre os quais o vice-presidente da ANFPC Osmar Zogbi, e os diretores Ruy Haidar, Dante Ramenzoni e Marcelo Pillar.

Associação Brasileira Técnica de Celulose e Papel

Parabéns, ABTCP pelos seus 25 anos de atividade em prol do desenvolvimento do setor
de celulose e papel no Brasil.

Estamos muito felizes e honrados pela oportunidade de fazer parte deste trabalho.



Associação Brasileira Técnica
de Celulose e Papel

tem a honra de homenagear

Albany International Feltros e
Telas Industriais Ltda.

pela demonstração de comprometimento
e dedicação à esta associação nestes 25 anos.

São Paulo, 19 de agosto de 1992

Associação Brasileira Técnica
de Celulose e Papel

Já são muitos anos de esforços comuns, e o nosso passado e presente nos orientam para o
desenvolvimento e o aperfeiçoamento cada vez maior desta relação de verdadeira parceria.

19 de agosto de 1992.

ALBANY
INTERNATIONAL

NOTICIÁRIO

25 ANOS DE ABTCP

A ABTCP comemorou 25 anos de idade em agosto último com uma festiva solenidade do setor - um jantar no Buffet Torres, com comparecimento expressivo dos empresários e fornecedores. Na ocasião foram homenageados 40 profissionais e empresários da área. O presidente da ABTCP, Ricardo Tobera, definiu com concisão o que significou a data: "a ABTCP deu certo".

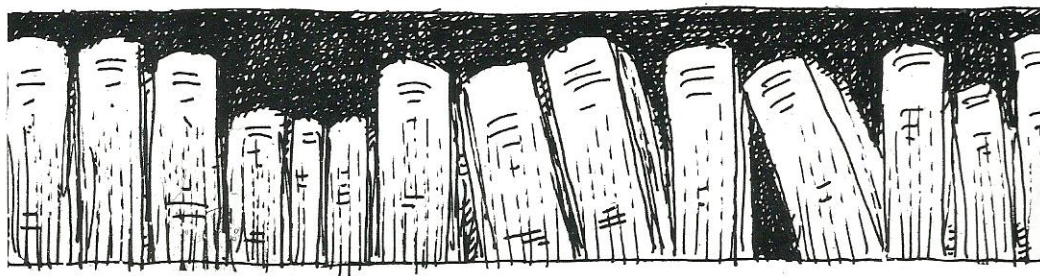
O presidente da ANFPC, Horácio Cherkassky, discursou na ocasião, apresentan-

do os números do crescimento do setor durante o período de existência da associação técnica. "Desde 1967, ano da fundação da ABTCP, a 1991, a produção brasileira de papel cresceu à taxa média anual de 7,7% e a de celulose de 9,7%. A produção de papel de 824 mil toneladas em 1967 pulou para 4,8 milhões de toneladas em 1991, e de celulose saiu de 475 mil toneladas para 4,3 milhões de toneladas. Foi um crescimento formidável."



O PAPEL NA BIENAL

Além do peso do mercado editorial nacional representado por mais de 1.600 editoras - e estrangeiro, 12ª Bienal Internacional do Livro, realizada de 26 de agosto a 7 de setembro, contou também com a participação de um setor que trabalha em parceria com o livreiro, o de papel. Representando o segmento para mostrar suas novidades, tanto do ponto de vista institucional como de *marketing*, marcaram presença na feira a porta-voz oficial do setor, a ANFPC - Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose, a Cia. Suzano e a Papel Simão. O estande da ANFPC, que este ano trabalhou em conjunto com a Prolata e a Plastivida, deu enfoque ao lixo reciclado. Dois vídeos, preparados especialmente para o evento, mostravam numa linguagem clara e simples todo o processo de reciclagem de papel e latas de aço. Além dos vídeos, um grupo de teatro,



dirigido especialmente ao público infantil, contava a história do vidro, enfocando, do ponto de vista ambiental, a importância de se promover o seu aproveitamento. Como tradicionalmente acontece em todas as bienais em que participa, a Papel Simão reservou um lugar para mostrar a sua Oficina Artesanal de Papel, que explica didaticamente a facilidade de se fazer papel em casa a partir de papel usado, como cadernos velhos, livros etc. Em intervalos de duas em duas horas, um instrutor da Simão, munido de liquidificador, água, mol-

duras de madeiras e criatividade, mostrava todas as etapas do processo. Em parceria com o mercado editorial, a Cia. Suzano de Papel e Celulose aproveitou a ocasião para lançar a Revista Polém, um catálogo que contém resenhas e ilustrações de 49 lançamentos editoriais, todos confeccionados com papel da Suzano, entre eles o polém, desenvolvido especialmente para o mercado de livros. A iniciativa teve como objetivo oferecer ao leitor um produto inédito de forma a orientá-lo na escolha de publicação de seu interesse através de

um leque variado de gêneros literários. Além disso a Suzano promoveu, no terceiro dia da feira, o "Encontro com Autores", com a participação de escritores consagrados como João Ubaldo Ribeiro, Lygia Fagundes Telles e João Cabral de Mello Neto. Considerada a quarta maior feira de livros do mundo, a Bienal registrou um público de 1.244.637 pessoas, contra 1 milhão a dois anos. O evento reuniu 936 expositores de 32 países, divididos em 237 estandes. Foram expostos mais de 130 títulos, entre eles 1.500 lançamentos.

NOTICIÁRIO

TÉCNICA MAIS LIMPA PARA CAULIM

A lama resultante da produção de caulim, que é descartada pelas indústrias, pode ser aproveitada na fabricação de zinco metálico, com ganhos de economia e de controle ambiental. A tecnologia de reciclagem foi desenvolvida pela Brandt Meio Ambiente, de Belo Horizonte, que ficou, com isso, finalista no concurso "Conservação Ambiental e Desenvolvimento", organizado pelo jornal Gazeta Mercantil, no último mês de setembro. O caulim entra na produção de concentrado,

usado como matéria-prima na fabricação de papel. A metodologia premiada foi planejada para atingir três níveis de melhoria ambiental: tratamento do efluente líquido do processo de produção, recirculação do efluente líquido na usina de beneficiamento, e geração de resíduo sólido rico em zinco, que possa ser utilizado em instalações de fabricação de zinco metálico. A Brandt vai utilizar essa nova tecnologia na unidade que está instalando no município mineiro de Raul Soares.

EMULSÕES

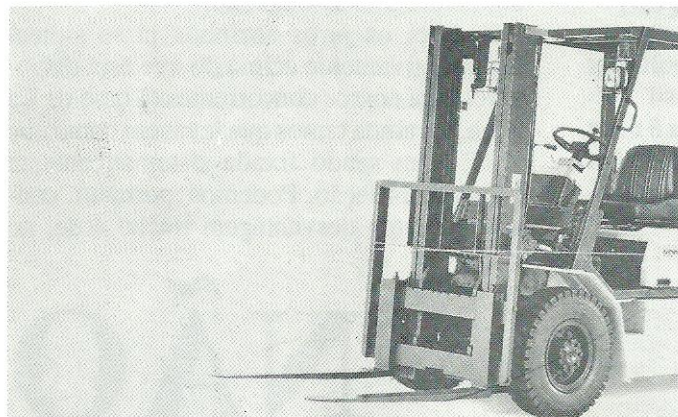
Uma das maiores fabricantes mundiais de produtos à base de acrílico puro, a Rohm and Haas comprou a divisão de Polímeros da

Unocal. Com isso, a empresa amplia o leque de matérias-primas que venderá para as indústrias de tintas, revestimento para papel.

EMPILHADEIRA

A Lark Máquinas e Equipamentos lançou em grande estilo no hotel Transamérica, em São Paulo, a empilhadeira Komatsu Forklift, importada do Japão e da qual a empresa tem a distribuição

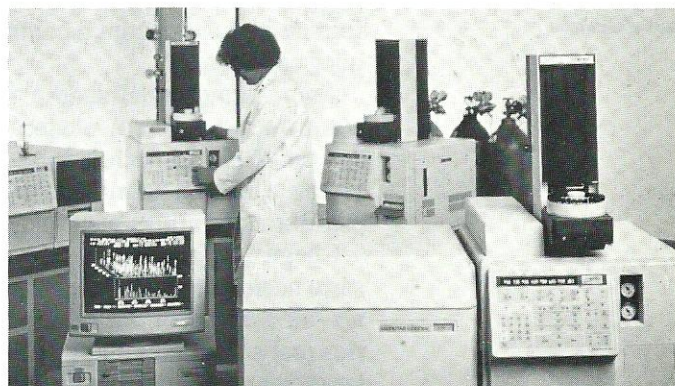
exclusiva. Para a Lark, há no mercado brasileiro falta de equipamentos de última geração para movimentação de materiais, mas não há condições de investimentos na sua produção.



CONTROLE AMBIENTAL

A empresa norte-americana Varian Associates lançou no mercado brasileiro cromatógrafos de última geração para analisar gases e líquidos; espectrômetros de massas para identificar e quantificar compostos orgânicos; e espectrofotômetros capazes de analisar metais, utilizando-se de tecnologia de ab-

sorção atômica. A Varian pesquisou problemas ambientais desde 1979, na sua sede da Califórnia e aproveitou o lançamento dos novos produtos para realizar em São Paulo, em cooperação com a Sabesp e a Cetesb, uma série de palestras sobre o controle de poluição industrial de água, solo e ar.



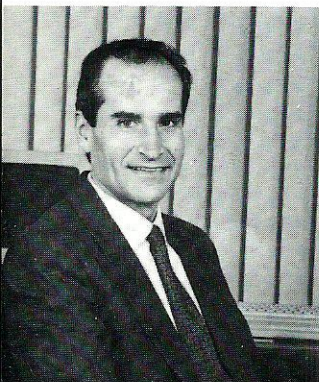
VENTILAÇÃO

A Kepler Weber Controle Ambiental, fabricante de equipamentos e sistemas de ventilação e controle da poluição industrial, está anunciando que acrescentou de 2 a 3 milhões de dólares no seu faturamen-

to anual, fornecendo seus produtos ao setor de papel. A empresa forneceu os sistemas de ventilação do prédio da máquina de papel da P. e C. Catarinense, e de outras empresas do setor



QUALIDADE E



Raul Calfat é presidente da Associação Paulista dos Fabricantes de Papel e Celulose

Na última década o empresário brasileiro foi confrontado por desafios que superam o mais elevado espírito olímpico de competição, é vencer ou vencer, sem saber se existe fôlego para tanto. As metas são postas como recordes a serem quebrados em crescente escala, sem que cogitem muito, aqueles do Governo, quanto à capacidade do organismo empresarial em desenvolver, no curto tempo, a musculatura tecnológica, de gestão empresarial e financeira para romper o novo desafio.

Pior ainda, as determinantes político-institucionais sempre estão, via de regra, fora de compasso com a competição que se quer empreender.

Agora temos qualidade e produtividade como metas a serem alcançadas, medidas sob padrões internacionais, sem que, no entanto, se tenham harmonizadas as condições estruturais mínimas para tanto.

Chega a ser constrangedor, para o empresário nacional, a constatação de que o Governo - através de políticas industriais e tributárias mal articuladas - tenha conseguido anular o que a natureza nos concedeu e que era nosso grande diferencial na competição mundial. Não faz muito tempo podíamos afirmar que as vantagens comparativas do nosso quadro de clima e solo constituíam variáveis dificilmente superáveis por nossos concorrentes do resto do mundo. As indústrias do Hemisfério Norte devem cultivar uma floresta por mais de 20 anos para obter uma fibra que nós aqui produzimos em 7, e com mais duas safras para colher depois. O milagre da natureza sofreu brutal predação por um insidioso inimigo interno: o experimentalismo na política econômica, o desencontro entre a realidade da indústria e as várias "políticas industriais" que já existiram no Brasil.

É impossível competir se a sua raia é mais longa, os obstáculos mais altos e seu trajeto mais acidentado que o dos outros competidores.

Qualidade e produtividade, por exemplo, não são, sozinhas, suficientes para competir no mercado mundial. Aliás, qualidade e produtividade no âmbito da empresa, ou mesmo do setor, são subprodutos da competitividade sistêmica do País, das nossas condições estruturais que, também elas, devem ser de frontadas a parâmetros internacionais. Por mais racional, moderno e produtivo que seja o meu processo industrial, por melhor que seja meu produto, não serei competitivo porque não tenho crédito a oferecer ou a me sustentar, sob parâmetros, mais uma vez, do mercado internacional.

Um dos exemplos mais dramáticos do descompasso entre políticas domésticas e práticas do mercado mundial está nesta história de como o Brasil vem perdendo a competitividade que lhe garantiam suas florestas do trópico úmido e este fantástico fenômeno que é o eucalipto aqui aclimatado. O diferencial do custo da madeira representa, em média, USD 100 por tonelada, em relação aos produtores do Hemisfério Norte. Esta é nossa grande vantagem comparativa que se vem esvaindo no cipoal da mutante legislação tributária e de política industrial brasileiras. É até curioso, ainda que trágico, relembrarmos como isto vem acontecendo. Ainda que não se leve em consideração que o Brasil se constitui, hoje, em um dos poucos países do mundo onde não se pratica qualquer política de estímulo ao reflorestamento (o que, por si só, já é grave), poderíamos dar partida àquela análise com a constatação de que as linhas de financiamento disponíveis para investimentos oscilam com base na variação da TR mais algo entre 9 e 12% ao ano.

Embora os juros sozinhos já se situem significativamente acima do que está disponível para nossos concorrentes (à base de 7 a 8% a.a.), ainda temos que levar em conta que a TR vem sendo fixada sistematicamente acima da inflação. Podemos, portanto, considerar que a desvantagem inicial é de, no

NÃO

PRODUTIVIDADE

mínimo, 6% a.a., o que compromete, em definitivo, qualquer expectativa ótima de retorno sobre o investimento. Sobre o produto manufaturado sofremos a sobrecarga de uma série de impostos que não incidem sobre nossos concorrentes do exterior. Rapidamente enumerados seriam: PIS, FINSOCIAL, Contribuição social, Adicional de Imposto de Renda do Estado e outros que tais. Só por aí já se tem um ônus adicional equivalente a 6,97% do preço final.

Na ponta da comercialização, a celulose e o papel não contam com qualquer fonte de financiamento - como seria, por exemplo, o FINEX - o que nos coloca novamente em desvantagem frente aos produtores do exterior que chegam a oferecer prazos de até 180 dias, sem juros. A única alternativa representada pela antecipação do contrato de câmbio resulta, ainda assim, na cobrança de juros equivalentes a 12% a.a., sobre a variação cambial.

Não há como superar tais entraves, só na base da qualidade e produtividade, pois são bloqueios institucionais que permanecem incólumes, distantes da capacidade de gestão do empresário. Modernizar a economia, ganhar competitividade são metas imprescindíveis para o acesso ao chamado Terceiro Mundo. Mas, o ritmo está errado, o compasso atravessado, o discurso não tem harmonia.

Por exemplo, a questão portuária, tremendo entrave ao desenvolvimento das exportações. Apesar de um longo e exaustivo trabalho de esclarecimento e negociações, o projeto permanece teimosamente lerdo em sua tramitação no Congresso Nacional. Vai daí que o brilhante discurso da abertura da economia perde a lógica e atropela o racional.

Fatos como este são perversos para quem tem que se defrontar com uma concorrência agressiva, gravemente potencializada pela recessão mundial, onde produtos são oferecidos a custos marginais para o escoamento dos mega-estoques que a recessão não per-

mite absorver. A alíquota média do Imposto de Importação do setor de celulose e papel vai estar reduzida, a partir de outubro próximo, para 9,3%.

Outro contra-senso, outra arritmia do sistema: somente aqueles impostos que incidem exclusivamente sobre o produtor nacional, da ordem de 6,97%, mais as nossas deseconomias no financiamento da comercialização, fazem com que esta tarifa seja absolutamente negativa, contribuindo para nossa maior vulnerabilidade frente àquele mercado mundial que se debate, com a arma dos preços marginais, para dar fluxo às enormes ofertas agregadas resultantes de capacidades recém-instaladas e que hoje operam com ociosidade inéditas.

Nova marca olímpica a desafiar a capacidade de auto-superação do empresário - e a contribuir para seu maior distanciamento dos padrões internacionais de competitividade - está erroneamente embutida no projeto de Reforma Fiscal, em trâmite no Congresso Nacional. A Reforma Fiscal em si, mais que saudável é imprescindível. Mas daí a se penalizar os empreendimentos de que o País é mais carente, exatamente aqueles intensivos de grande porte, reside um grande e lamentável erro de visão: financiar o Estado com acréscimo da carga tributária.

É incontestável que desregulamentação, liberalização e globalização são tendências irreversíveis para quem busca a eficiência e a produtividade. Entretanto, a convivência destes conceitos com a aplicação de um sistema tributário distorcido e a ausência de linhas de financiamento a custos compatíveis com o que prevalece no exterior, são capazes de erodir e aniquilar a competitividade de setores que foram historicamente beneficiários de vantagens comparativas insuperáveis, pois foi a natureza que as concedeu. Mais uma vez, estão colocando a baliza muito além da capacidade física do contendor. Haja espírito olímpico para competir. ■

BASTAM

EVENTOS

CONGRESSO ABTCP

O 25º Congresso Anual de Celulose e Papel, uma tradicional realização da Associação Brasileira Técnica de Celulose e Papel, terá lugar de 23 a 27 de novembro no Palácio das Convenções do Parque Anhembi, São Paulo. Na noite do dia 23 será inaugurada também a 25ª Exposição Industrial de Celulose e Papel no hall Expo, em seguida à abertura oficial do congresso, que será realizada no auditório Elis Regina, com a presença de

autoridades. Dentro do evento será realizado também o 7º Congresso Brasileiro de Qualidade. A implantação dos padrões ISO 9000, as novas técnicas de branqueamento de polpa sem utilização de cloro, a conservação de energia no processo industrial, e os avanços do Programa Brasileiro de Qualidade e Produtividade dentro do setor, são alguns dos temas que serão enfocados em seminários e mesas-redondas.

PRODUTOS EXÓTICOS

A Sociedade Brasileira de Silvicultura realiza em Florianópolis, SC, nos dias 12 e 13 de novembro o seminário "Exportação de Produtos de Base Florestal Exótica", abordando o mercado internacional, a legis-

lação, as exigências de classificação, transporte, e logística, e as experiências brasileiras bem sucedidas. Inscrições e informações podem ser obtidas pelo telefone (011 - 285-6233).

SERVIÇO CLASSE MUNDIAL

A análise do negócio Serviços, e as prioridades do desenvolvimento de sistemas de prestação de serviços são os objetivos do seminário internacional "Serviço de Classe Mundial", a ser promovido no

dia 10 de novembro no IMAM, em São Paulo. O apresentador será Colin Armistead, diretor do "Services Club", da Escola de Administração de Cranfield. Telefone do IMAM: (011- 2779188)

MEDALHA

O presidente da ANFPC, Horácio Cherkassky, receberá a Medalha Navarro de Andrade, da Sociedade Brasileira de Silvicultura. A medalha é concedida aos empresários que se sobressaem nas atividades de proteção ao meio ambiente, conservação da Biodiver-

sidade, e empenho no desenvolvimento sustentado. A homenagem será realizada no próximo dia 24 de novembro, às 18.00 h, no Salão Promocional da Fiesp, durante coquetel seguido de jantar. Adesões e informações pelo telefone (011) 285-6233, com Lúcia.

"PAPER AND PULP"

O jornal inglês "Financial Times" está anunciando com destaque seu relatório especial "World Paper and Pulp", que será publicado no dia 14 de dezembro com dados e análises do mercado, do estágio tecnológico, e do controle ambiental do setor. A edição coincidirá com uma conferência sobre

as mudanças estratégicas das maiores empresas de papel e celulose, que será realizada em Londres nos dias 14 e 15 de dezembro, organizada pelo mesmo jornal. A representação comercial da edição no Brasil está a cargo de Joelson Aquino, da Gazeta Mercantil -telefone (011- 2583137).

EDIÇÃO NÚMERO 40

A próxima edição da Revista Celulose & Papel, que circulará a partir de 23/11, apresentará, entre outros, os seguintes temas:

■ A SEGUNDA MÁQUINA DA CELPAV ENTRA EM AÇÃO - descrição do moderno projeto do grupo Votorantim, suas características principais, seu avanço tecnológico e o atual estágio de operação.

■ OS RESULTADOS DA CICEPLA - os participantes da delegação brasileira que esteve na última Confederação Industrial de Celulose e Papel Latino Americana, realizada no começo de outubro na Venezuela, dão sua avaliação do encontro e do panorama do setor na América Latina.

■ A RECONSTRUÇÃO DA FLORESTA - o projeto florestal da Celmar,

novo empreendimento de produção de celulose em implantação no Maranhão, tem a característica inédita de repovoar áreas degradadas com os exuberantes espécimens da mata Amazônica.

■ A REVOLUÇÃO DA QUALIDADE - os seminários de Qualidade organizados pelo Subsetor de Qualidade e Produtividade de Celulose e Papel, integrante do PBQP, avançam pela área dos mecanismos de motivação humana, e das filosofias de vanguarda em administração de empresas.

■ SUPRIMENTOS - GASES INDUSTRIAIS - Um raio X do mercado fornecedor desse importante insumo baseado nos depoimentos de empresas como Aga, Air Products, Oxigênio do Brasil e White Martins, entre outras.



Bahia Sul

Bahia Sul Celulose SA

Rua Dr. Fernandes Coelho, 85 - 12º Tel.: (011) 815-0233
05423-040 - São Paulo - SP Fax: (011) 813-6633 / 814-8372
Brasil Tlx.: (011) 81073 BASU-BR

Apresentamos uma empresa
que pensa verde
e tem horizontes azuis.

Bahia Sul

Alta Qualidade em Celulose e Papel de Eucalipto

VOCÊ ESTÁ A UM PASSO DA PERFEIÇÃO

Agora não é preciso ir até o outro lado do mundo para obter o que há de mais avançado em Empilhadeiras. A LARK fez esta viagem para você.

A KOMATSU FORKLIFT, a partir de hoje, entra na vida de quem trabalha com movimentação/armazenagem de carga e necessita de economia e segurança.

Ficar uma pilha de nervos na compra da sua próxima empilhadeira,
NUNCA MAIS.

- Transmissão automática
- Tecnologia avançada, alto desempenho
- Reduzido raio de giro, maior produtividade
- Baixo nível de ruído, menor desgaste do operador
- Cabine com suspensão hidráulica - HSC



LARK S.A. Máquinas e Equipamentos
Importador exclusivo para o Brasil
Tel.: (011) 548-9111 - Fax: (011) 548-9111 R:173